

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

YARA GIATTI



1290002548



FE

TCC/UNICAMP G349n

NO MUNDO DO ERA UMA VEZ...
UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DOS CONTOS DE FADAS

CAMPINAS

2005

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

YARA GIATTI

NO MUNDO DO ERA UMA VEZ...
UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DOS CONTOS DE FADAS

Monografia apresentada a Faculdade
de Educação da UNICAMP
para obtenção de título de bacharel
em pedagogia, sob orientação do
Prof. Dr. Joaquim Brasil Fontes Jr.

CAMPINAS
2005

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Giatti, Yara.
G349n No mundo do era uma vez... : uma análise psicanalítica dos contos de
fadas / Yara Giatti. -- Campinas, SP: [s.n.], 2005.

Orientador : Joaquim Brasil Fontes Júnior.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Sexualidade. 2. Literatura infantil. 3. Psicanálise. I. Fontes Júnior,
Joaquim Brasil. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Educação. III. Título.

04-137
RP/FE

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Anselmo e Vera, que sempre me apoiaram nas minhas decisões, pela presença, força, amor e dedicação nos bons e maus momentos da minha vida.

A minha querida irmã, Morgana que compartilha também destes sentimentos.

À todos da minha família e principalmente a minha vó Clorinda, que é uma segunda mãe para mim.

Ao Prof. Joaquim que sempre com a sua gentileza e amabilidade acolheu-me e possibilitou a concretização deste.

À Smolka pois mesmo "ocupadíssima" aceitou ser a segunda leitora deste trabalho.

E especialmente ao Heber que se tornou parte essencial da minha vida.

Por fim as minhas amigas Marcela, Flávia e especialmente à Paulinha pelos momentos inesquecíveis nestes quatro anos da graduação.



Título: No Mundo do Era Uma Vez...: Uma Análise Psicanalítica dos Contos de Fadas

Autora: Yara Giatti

Orientador: Prof. Dr. Joaquim Brasil Fontes Júnior

RESUMO

Divididos entre o bem e o mal, representados por princesas, príncipes, fadas e também por lobos e bruxas apavorantes, propomos uma viagem ao universo mágico dos Contos de Fada.

Os Contos de Fada, na sua origem, não eram destinados à criança, já que o conceito atual de infância inexistia antes do século XVII. Na sociedade tradicional ela não recebia qualquer atenção particular nem gozava de um *status* diferenciado. Assim os Contos de Fadas eram destinados aos adultos como forma de entretenimento.

A origem da Literatura Infantil, não é precisa, alguns autores afirmam que ela tenha surgido da Novelística Popular Medieval.

É a partir do século XVII que há uma preocupação com uma literatura voltada para a criança com As Fábulas de La Fontaine; Os Contos da Mãe Gansa de Charles Perrault; os Contos de Fada de Mme D'Aulnoy e Telêmaco de Fénelon, estes autores são os pioneiros da literatura infantil que hoje conhecemos.

A psicanálise é um dos marcos do século XX, trazendo a descoberta do inconsciente. Originando-se na prática clínica do médico e fisiologista Josef Breuer, devendo-se a Sigmund Freud a valorização, aperfeiçoamento da técnica e a formulação dos conceitos nos desdobramentos posteriores do método e da doutrina. Carl Gustav Jung, que inicialmente foi discípulo de Freud, até o rompimento, também merece destaque na sua pesquisa sobre o inconsciente.

Os Contos de Fada são ricos e múltiplos ao que se refere aos sentidos que possuem. O estudo dos sonhos permitiu a descoberta de sua semelhança com os mitos primitivos. As literaturas universais, histórias contadas pelas tribos, etnias, povos e civilizações que encarnam sobretudo um costume que tem força de lei, são os mitos, lendas ou conto maravilhoso, essa literatura mais especificamente os Contos de Fada, tratam de uma instituição social que visa integrar os membros do grupo numa normalidade, numa ideologia.

As descobertas de Freud e Jung sobre os sonhos, levaram seus seguidores ao estudo dos mitos e Contos de Fada, como Erich Fromm, Erich Neumann, Bruno Bertelheim, Marie-Louise von Franz, Hans Dieckmann e Noemi Paz.

Com a Psicanálise, outros significados foram atribuídos, a sexualidade veio a tona. E daquilo que parecia inocente a primeira vista, fadas, espelho mágico, sapatinhos de cristal, princesas, príncipes, varinhas de condão... emergiram símbolos e significados até então desconhecidos.

PALAVRAS-CHAVE: SEXUALIDADE, LITERATURA INFANTIL, PSICANÁLISE

Conclusão.....	51
Bibliografia.....	53
Anexos.....	56

INTRODUÇÃO

O Contos de Fada sempre esteve presente na minha vida! E desde bem pequeninha! Talvez o primeiro contato de muitos com a literatura se faça através dos Contos de Fada. Pelo menos comigo foi assim, com os Contos de Fada e com meu pai, que descobri a biblioteca, parecia até um ritual, todo sábado de manhã, depois das compras, íamos eu, meu pai, meu primo e depois minha irmã, para lá para escolher livros. É óbvio que eu, criança de 3 ou 4 anos que não sabia ler, ia direto para a prateleira dos livros infantis. É engraçado agora lembrar dessas coisas! Mesmo não sabendo ler sabia qual história ia levar, um dia era a Chapeuzinho Vermelho, outro a Cinderela, outro a Branca de Neve, outro de novo a Cinderela e assim foi. E assim as tardes de Sábado eram cheias de encanto e magia, no Mundo do Era uma Vez... Será que ainda é assim? Os pais parecem não ter mais tempo nem paciência para contar histórias. A tecnologia avançou tanto que basta colocar a fita, digo o DVD no aparelho e pronto, até outras histórias apareceram, o Shrek, do cinema hollywoodiano, é um exemplo.

Escrever sobre os Contos de Fada sempre foi uma vontade e uma curiosidade. Além de razões pessoais, que guiam o nosso interesse por um tema ou outro, o mais intrigante é esse fenômeno cultural que é a perenidade deste gênero literário. Como os Contos de Fada sobrevivem com o passar dos tempos?

Ao redor de fogueiras, os contadores de história tecem o mundo mágico dos Contos de Fada. Mas será que é um mundo só de magia? Será que os Contos de Fada contém só fantasia?

Com o advento da Psicanálise, outros significados foram atribuídos, a sexualidade veio a tona. E daquilo que parecia inocente a primeira vista, fadas, espelho mágico, sapatinhos de cristal, princesas, príncipes, varinhas de condão... emergiram símbolos e significados até então desconhecidos.

Agora nos resta trazer para a luz aquilo que estava na sombra e se até uma princesa beijou o sapo, porque não tirarmos a cobertura que esconde os Contos de Fada?

1. A CRIANÇA – CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

“Se a imagem da criança é contraditória, é precisamente porque o adulto e a sociedade nela projetam, ao mesmo tempo, suas aspirações e repulsas. A imagem da criança é, assim, o reflexo do que o adulto e a sociedade pensam de si mesmos. Mas este reflexo não é ilusão; tende, ao contrário, a tornar-se realidade. Com efeito, a representação da criança assim elaborada transforma-se, pouco a pouco, em realidade da criança. Esta dirige certas exigências aos adultos e à sociedade, em função de suas necessidades essenciais. O adulto e a sociedade respondem de certa maneira a essas exigências: valorizam-nas, aceitam-nas, recusam-nas e as condenam. Assim, reenviam à criança uma imagem de si mesma, do que ela é ou do que deve ser. A criança define-se assim, ela própria, com referência ao que o adulto e a sociedade esperam dela. (...) A criança é, assim, o reflexo do que o adulto e a sociedade querem que ela seja e temem que ela se torne, isto é, do que o adulto e a sociedade querem, eles próprios, ser e temem tornar-se.” (Charlot apud Zilberman, 1982, p. 19)

Quem nunca se imaginou calçando um sapatinho de cristal ou levando doces à casa da vovó? Quem um dia não viu o patinho feio e viu nele um futuro cisne? Quem não quis casar com uma princesa ou ser beijada por um príncipe?

Ao lermos os Contos de Fada, sejamos nós crianças ou quando os contamos para nossos filhos, nos transportamos para o mundo mágico do Era uma vez... .

Essas palavras mágicas têm o poder de envolver e transportar-nos para um lugar imaginário, porém os Contos de Fada nos trazem mais do que a fantasia, eles contêm a história de uma época, símbolos e significados.

Contudo, antes do final do século XVII, não se escrevia para as crianças porque não existia o conceito moderno de “infância”.

Na sociedade feudal, a família era a instituição social que assegurava a perpetuação do patrimônio, dos bons costumes e da boa ordem social, o patriarca era responsável pela ação do grupo, e portanto tinha o direito de julgar ou punir. Inexistia a noção de privacidade, assim como estava ausente a solidariedade entre os cônjuges e gerações (Zilberman, 1982). Assim, o laço sentimental entre seus membros até poderia existir mas não era determinante na constituição da família.

A criança, neste contexto, não ocupava um lugar social como detém atualmente. Na sociedade tradicional ela não recebia qualquer atenção particular nem gozava de um *status* diferenciado, verificando-se altas taxas de mortalidade infantil, no parto ou em tenra idade.

“A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje.” (Ariès, 1981, p. 10)

Assim, logo a criança sobrevivesse ao tempo da “paparicação”, caracterizado por um sentimento superficial aos mais novos, enquanto era vista como “uma coisinha engraçadinha”, era logo misturada aos adultos e compartilhava de seu cotidiano, testemunhando os processos naturais da existência (nascimento, doença, morte), participando da vida pública, nas festas, guerras, audiências, execuções ou era comum que passasse a viver em outra casa que não a de sua família.

A partir do século XVII aconteceram mudanças sensíveis neste quadro. Com a decadência do modelo feudal acompanhado do enfraquecimento dos grupos de parentesco, grandes respaldos deste sistema, o Estado Moderno encontrará na família nuclear o seu maior sustentáculo. Estimulada ideologicamente pelo Estado e depois, pelo liberalismo burguês, ela recebeu o aval para irradiar seus valores: primazia da vida doméstica, fundada no casamento e na educação dos herdeiros; importância do afeto; a privacidade e o “intimismo” (Zilberman & Magalhães, 1982).

O surgimento da consciência da particularidade infantil coincide com o da consciência das particularidades individuais, momento em que a vida em família passa da esfera pública para a particular, ou seja, a vida cotidiana passa a acontecer no espaço privado: *“... a tornar-se o que nunca havia sido: um lugar de refúgio onde se escapa dos olhares de fora, lugar de afetividade onde se estabelecem relações de sentimento entre o casal e os filhos, lugar de atenção à infância.”* (Ariès apud Nascimento, 2001, p.43) e como Badinter nos mostra *“a família se fecha e se volta para si mesma. É a hora da intimidade, das pequenas residências particulares*

confortáveis de peças independentes com entradas particulares, mais adequadas à vida íntima. Ao abrigo dos importunos, pais e filhos partilham a mesma sala de refeições e se mantêm juntos diante da lareira doméstica.” (Badinter, 1985, p. 179)

Este processo, porém, toma características próprias nas diferentes camadas sociais: de um lado a valorização da criança pela família burguesa e de outro as crianças pobres, filhas da classe operária, cuja conservação é considerada igualmente importante, já que significa garantia de mão-de-obra futura.

“Não há dúvidas de que, entre 1660 e 1800, aconteceram mudanças significativas na prática de criação das crianças, particularmente entre a alta burguesia e os profissionais liberais. Os cueiros apertados deram lugar a roupas soltas, amas-de-leite pagas à amamentação materna, a dominação da vontade pela força à permissividade, a distância formal à empatia, assim que a mãe se tornou a figura dominante na vida das crianças.” (Stone apud Zilberman, 1982, p. 08)

É importante salientar que assim como há ascensão do modelo familiar voltado para os filhos, sobretudo na burguesia, o papel da figura materna tem uma nova qualificação na estrutura doméstica. De acordo com Badinter, uma mudança radical nessa evolução do sentimento e da afetividade, diz respeito à especificidade da mulher - enquanto mãe - relacionada a sua imagem, seu papel e sua importância. A autora com a expressão “amor ausente”, postula que em meados do século XVIII não existia, na sociedade francesa, um ideário do sentimento amoroso. O amor portanto, não era determinante para a concretização do matrimônio e das relações filiais. Assim, a maternidade estava longe de ser algo instintivo ou inato por parte das mulheres. Zilberman (1982) citando Edward Shorter em *The Making of the Modern Family*, descreve este fenômeno como “um surto de sentimento em três diferentes áreas que ajudaram a desalojar a família tradicional”:

“Namoro. O amor romântico em vez das considerações materialistas na aproximação do casal. Propriedade e linhagem deram lugar à felicidade pessoal e o auto-desenvolvimento individual, como critérios para a escolha do parceiro matrimonial.

O relacionamento mãe-filho. Embora um afeto residual entre mãe e filho – produto de uma ligação biológica – sempre tenha existido, houve uma mudança na prioridade que o infante veio a ocupar na hierarquia racional de valores da mãe. Enquanto que, na sociedade tradicional, a mãe está preparada para colocar muitas

considerações – a maioria delas relacionada à luta desesperada pela existência – acima do bem-estar da criança, na sociedade moderna, o infante tornou-se o mais importante; o amor maternal providencia para que seu bem-estar esteja acima de qualquer outra coisa.

A linha fronteira entre a família e a comunidade circundante. (...) Os laços com o mundo exterior foram enfraquecidos, e os laços unindo membros da família entre si foram reforçados. Um escudo de privacidade foi erigido para proteger a intimidade do foyer da intrusão estranha. E a família nuclear moderna nasceu no abrigo da domesticidade.” (Zilberman, 1982, p.17)

É com o nascimento dessa nova família, ou família nuclear moderna, que engloba o marido, a esposa e os filhos, que podemos detectar “a descoberta da infância”, como uma fase singular: “... a criança havia conquistado um lugar junto de seus pais, lugar este que não poderia ser aspirado no tempo em que o costume mandava que fosse confinada a estranhos. Essa volta da criança ao lar foi um grande acontecimento: ela deu a família do século XVII sua principal característica, que a distinguiu das famílias medievais. A criança tornou-se um elemento indispensável da vida quotidiana, e os adultos passaram a se preocupar com sua educação, carreira e futuro.” (Ariès, 1981, p. 270)

A valorização da infância enquanto faixa etária diferenciada é um dos sustentáculos deste modelo doméstico. Primeiro, a criança passa a ser vista como um indivíduo que merece consideração especial, sobre a qual a família tem como responsabilidade maior permitir que ela atinja a idade adulta evitando-se sua morte precoce e provendo sua formação intelectual. Em segundo lugar, o conceito infância, ou seja uma certa etapa etária imobilizada num conceito demarcado, veio a ser idealizada. Tratados de pedagogia foram escritos para assegurar tal singularidade.

A privatização da família gerou uma lacuna referente a socialização da criança. Se a nova configuração da família sob o modelo burguês gerou a maior valorização da infância como uma etapa particular com um status social, há concomitantemente um isolamento da criança, separando-a do mundo adulto e da realidade exterior.

A escola, neste contexto, assume um duplo papel, o de introduzir a criança na vida adulta e o de protegê-la contra as agressões do mundo. Ao invés de um convívio social múltiplo, reúne um grupo homogeneizado, indivíduos da mesma idade, impedindo que se organize uma vida comunitária pois os mesmos são

obrigados a sentar de costas uns para os outros, de frente apenas para o único indivíduo investido de autoridade - o professor.

Essas modificações que ocorreram na Idade Moderna que propiciaram a ascensão de modalidades como a escola, e propiciaram também a mudança do gênero literário dirigido ao jovem. A literatura romanesca do século 18 está impregnada pela propagação desta visão de mundo burguesa, ao mesmo tempo que consolida a decadência da aristocracia tradicional (Choderlos de Laclos, Beaumarchais), qualifica positivamente os ângulos relativos à vida burguesa (Jane Austen, Jean Jacques Rosseau, Diderot).

LITERATURA INFANTIL

2.1 Significado e Origem

“O gênero ‘literatura infantil’ tem, a meu ver, existência duvidosa. Haverá música infantil? Pintura infantil? A partir de que ponto uma obra literária deixa de constituir alimento para o espírito da criança ou do jovem e se dirige ao espírito adulto? Qual o bom livro para crianças, que não seja lido com interesse pelo homem feito? Qual o livro de viagens ou aventuras, destinado a adultos, que não possa ser dado as crianças, desde que vazado em linguagens simples e isento de matéria de escândalo? Observados alguns cuidados de linguagem e decência, a distinção preconceituosa se desfaz. Será a criança um ser a parte, estranho ao homem, e reclamando uma literatura também à parte? Ou será literatura infantil algo de mutilado, de reduzido, de desvitalizado – porque coisa primária, fabricada na persuasão de que a imitação da infância é a própria infância?

Vêm-me à lembrança as miniaturas de árvores, com que se diverte o sadismo botânico dos japoneses; não são organismos naturais e plenos; são anões vegetais. A redução do homem que a literatura infantil implica dá produtos semelhantes. Há uma tristeza cômica no espetáculo desses cavalheiros amáveis e dessas senhoras não menos gentis, que, em visita a amigos, se detêm a conversar com as crianças de colo, estas inocentes e sérias, dizendo-lhes toda sorte de frases em linguagem infantil, que vem a ser a mesma linguagem de gente grande, apenas deformada no final das palavras e edulcorada na pronúncia... Essas pessoas fazem oralmente, e sem o saber, literatura infantil” (Carlos

Drummond de Andrade apud Cunha, 1987, p. 21)

De acordo com Carvalho, Literatura Infantil é todo o acervo literário eleito pela criança e/ou que se pretende endereça-la, mas que, algumas vezes, nem sempre a elege. Assim, o termo infantil associado à literatura não significa que ela tenha sido feita necessariamente para crianças e a literatura infantil acaba sendo, por sua vez, aquela que corresponde, de alguma forma, aos anseios do leitor.

Até bem pouco tempo, em nosso século, a Literatura Infantil era considerada como um gênero secundário, e vista pelo adulto como algo pueril (nivelada ao brinquedo) ou útil (forma de entretenimento). A valorização da Literatura Infantil é bem recente.

A origem da Literatura Infantil, por sua vez, não é precisa, mas pode-se dizer que a vontade de contar histórias deve ter nascido no homem, quando ele

sentiu necessidade de comunicar aos outros alguma experiência, que poderia ter significação para todos.

Da sua provável origem até aquilo que conhecemos hoje como Contos de Fada, há uma longa evolução. Coelho traz como origens da Literatura Infantil, que atualmente é conhecida como clássica, a Novelistica Popular Medieval, cujas raízes, por sua vez, remontam a fontes orientais que difundiram-se no ocidente europeu durante a Idade Média, através da transmissão oral. Dessas narrativas primordiais originaram-se as narrativas medievais arcaicas, que se popularizaram na Europa e acabaram transformando-se em literatura folclórica ou em Literatura Infantil, através de registros de escritores como Perrault, Irmãos Grimm, etc.

Calila e Dimna, segundo Coelho (1991), é tida como a coletânea mais antiga das narrativas que estão nas origens da Literatura Popular Maravilhosa. Originária na Índia, esta coletânea resulta de narrativas pertencentes originalmente ao Panchatantra, um dos livros sagrados mais importantes da Antigüidade, do qual chegou até a atualidade somente os fragmentos, e à Mahabharata, longa epopéia primitiva indiana. Escrita em sânscrito, Calila e Dimna difundiu-se pelo Mundo da Antigüidade nos séculos VI e XIII, através de inúmeras versões. No entanto, no século XIX, foram encontrados, na Itália, manuscritos egípcios em papiro de cerca de 3200 anos, com narrativas semelhantes a algumas registradas na Índia.

Outra narrativa derivada da Panchatantra, também originária da Índia, que ficou conhecida como Hitopadesa (ou Instrução Proveitosa) também teve larga divulgação. Com a mesma estrutura de Calila e Dimna, a coletânea Sendebär ou O Livro dos Enganos das Mulheres é uma outra fonte oriental que está na gênese das narrativas maravilhosas do Ocidente, embora o texto original em sânscrito tenha se perdido, chegou até nós à versão em castelhano, com 26 narrativas, que se desenvolvem em torno do eixo paixão – ódio – sabedoria. Dos muitos episódios de Sendebär saíram outros contos maravilhosos, entre eles, Aventuras de Simbad, o marujo.

A coletânea As Mil e Uma Noites, narrada pela personagem Xerazade, é a mais celebre compilação de contos orientais que circula no mundo ocidental, a partir do XVIII, quando foi traduzida para o francês por Antoine Galland. Os mais famosos contos são: O Mercador e o Gênio; Aladim ou a Lâmpada Maravilhosa;

Ali-Babá e os Quarenta Ladrões Exterminados por uma Escrava. A estória conta que, durante três anos, moças eram sacrificadas pelo rei, até que já não havia mais virgens no reino, e o vizir não sabia mais o que fazer para atender o desejo do rei. Foi quando uma de suas filhas, Sherazade, pediu-lhe que a levasse como noiva do rei, pois sabia uma maneira para escapar do triste fim que a esperava. A princesa, após ser possuída pelo rei, começa a contar a extraordinária "História do Mercador e do Efrít", mas, antes que a manhã rompesse, ela parava seu relato, deixando um clima de suspense, só dando continuidade à narrativa na manhã seguinte. Assim, Sherazade conseguiu sobreviver, graças à sua palavra sábia e a curiosidade do rei. Ao fim desse tempo, ela já havia tido três filhos e, na milésima primeira noite, pede ao rei que a poupe, por amor às crianças. O rei finalmente responde que lhe perdoaria, sobretudo pela dignidade de Sherazade.

2.2 Novas Criações Literárias do Ocidente Europeu

2.2.1 Novelas de Cavalaria

Durante a Idade Média, surge e se multiplica no Ocidente europeu uma literatura em prosa que vem de duas fontes distintas: a popular e a culta. A fonte popular é a narrativa "exemplar", de origem grega ou oriental. A de origem culta é a aventuresca das novelas de cavalaria, de inspiração ocidental.

Entre os livros medievais que se popularizaram e acabaram sendo adaptados para as crianças, pode-se citar: Os Isopetes (O Romance da Raposa: uma fábula); Disciplina Clericalis; O livro das Maravilhas e O Livro dos Animais (Bestiário); O livro de Petrônio ou Conde Lucanor; O Livro de Exemplos; Livro dos Gatos; O Livro de Esopo; Horto do Esopo.

A Novela de Cavalaria, também conhecida como Romance de Cavalaria, é a mais conhecida das novas criações literárias (se mantendo viva, no Brasil, através da literatura de cordel nordestina, por exemplo). Deu origem a uma das mais famosas criações da literatura ocidental, Dom Quixote de la mancha.

Sua origem é apontada nas "canções de gesta", no século XI (origem discutida), que formam o ciclo cavaleiresco mais antigo, cujas narrativas exaltam os feitos guerreiros de Carlos Magno e expressavam o ideal guerreiro e religioso

da Idade Média. Em meados do século XII que se divulga o ciclo cavaleiresco de maior sucesso, o ciclo bretão. Aparecem as novelas do lendário rei Artur, nas províncias anglo-francesas, que, historicamente, foi rei da Grã-Bretanha e fundador da Ordem de Cavalaria ou Távola Redonda. Nessas novelas cada cavaleiro dedicado ao culto cortês da dama, “Amor cortês”, contam suas aventuras, nas quais o romance, as prosas sobre-humanas e o maravilhoso são elementos de destaque. Com tais novelas surgem os primeiros grandes amantes: Tristão e Isolda, Lancelote e Gwenhwyfar e dezenas de outros pares apaixonados.

2.2.2 As Fábulas

Na segunda metade do século XVII, durante a monarquia de Luís XIV (Rei Sol), na França, que se mostra a preocupação com uma literatura voltada para a criança com As Fábulas (1668) de La Fontaine; Os Contos da Mamãe Gansa (1691/1697) de Charles Perrault; os Contos de Fada (1696/1699) de Mme D'Aulnoy e Telêmaco (1699) de Fénelon, estes autores são os pioneiros da literatura infantil que hoje conhecemos.

É difícil fixar a origem da Fábula, mas supõe-se que ela tenha sido documentada desde Buda, mas no Ocidente foi introduzida pelo grego Esopo (Séc. V a.C.), na tradição escrita. Dele se conta um imenso número de Fábulas e apólogos que foram reunidas na obra Vida de Esopo, escrita pelo monge grego, Planúdio, no século XIV.

Fedro (Séc. I a.C.), escravo romano, liberto por Augusto, foi quem introduziu o gênero na Literatura Latina e que o enriqueceu estilisticamente. Suas fábulas foram escritas em versos e tinham um cunho satírico.

Ao francês Jean La Fontaine (1621/1692) coube o mérito de dar a forma definitiva a fábula, uma das formas literárias mais resistentes ao desgaste dos tempos, introduzindo-a definitivamente na literatura ocidental. Embora escrevendo para adultos, La Fontaine tem sido leitura obrigatória para crianças de todo mundo.

“Muitas outras versões apareceram, mas sem nenhuma arte inovadora, até que surgiu La Fontaine, a quem coube a tarefa não só de restituir à fábula em verso todo o

seu relevo literário, mas também a de levá-la ao nível da alta poesia, alimentada por um novo pensamento filosófico, valores que só a posteridade iria reconhecer, pois em seu tempo foram minimizados pelos contemporâneos.” (Coelho, 1991, p.81)

La Fontaine iniciou sua carreira de escritor em 1650, escrevendo peças de teatro, e tenta também a poesia, inspirado em Marot, Malherde, Oídio, etc. publica madrigais, baladas epístolas. Escreve, em 1664, 'Contes et Nouvelles en vers' inspirado por Boccaccio e Ariosto, obra que não foi bem aceita pelo Rei Luis XIV, por causa de seu moralismo. Destaca-se nesta área ao escrever o romance em prosa Amours de Psyché et de Cupidon, em 1669.

Entretanto, La Fontaine vai se imortalizar com a Fábula. Estes poemas narrativos expõem uma situação que se encerra com uma moralidade. São textos cifrados que trazem consigo denúncias sobre miséria, desequilíbrios ou injustiças da época.

Podemos citar aqui algumas fábulas de La Fontaine: "O Lobo e o Cordeiro", "A Raposa e o Esquilo", "Animais Enfermos da Peste", "A Corte do Leão", "O Leão e o Rato", "O Pastor e o Rei", "O Leão, o Lobo e a Raposa", "A Cigarra e a Formiga", "O Leão Doente e a Raposa", "A Corte e o Leão", "Os Funerais da Leoa", "A Leiteira e o Pote de Leite".

Embora La Fontaine tenha enriquecido os argumentos e o espírito das fábulas que retomou dos antigos, ele não alterou a simbologia que seus antecessores atribuíram aos animais. Segundo nos mostra Coelho (1998), o leão é o monarca orgulhoso; a raposa é a astúcia; o rico é gordo; o pobre é magro; a garça é delicada; a cigarra vive pelo ideal da arte; a formiga, pelo trabalho incessante; o burro, um fanfarrão; o rato, a esperteza matreira; o corvo, a voracidade; etc.

2.2.3 Os Autores dos Contos de Fada como Conhecemos

2.2.3.1 Perrault

Charles Perrault, contemporâneo de La Fontaine e opositor na "Querela dos Antigos e Modernos", entra para a História, através de uma literatura desvalorizada por sua época, os Contos de Fada.

Este notável autor, nasceu em Paris em 12 de janeiro de 1628. Seus pais pertenciam a alta burguesia, Pierre Perrault, advogado do Parlamento da cidade de Tours (cidade próxima a Paris) e Paqueta Leclerc. Estudou no Colégio de Beauvais, cidade natal, e se diplomou em Direito, em 1651. Ficou conhecido no meio literário através da tradução do sexto livro da Eneida e poemas de amor, obras de natureza bem diferente daquela que o imortalizou. Em 1670 tornou-se membro da Academia Francesa. Em 1687, com o intuito de comemorar a convalescença do rei, faz ler em sessão da Academia Francesa "Le Siècle de Louis le Grand" – O Século de Luís, o Grande – no qual colocava os escritores modernos como Molière e François de Malherbe acima de autores clássicos gregos e romanos e provoca a polêmica que fica conhecida como "Querela dos Antigos e Modernos".

Perrault retoma o folclore dos Contos de Fada fazendo um trabalho de redescoberta e recriação dos relatos maravilhosos guardados pela memória do povo criando o primeiro núcleo da literatura infantil ocidental, publicado em 1697: Contes de Ma Mère l'Oye – Histórias ou Contos do Tempo Passado com suas Moralidades ou Contos da Mamãe Gansa.

Ao realizar esse trabalho, a verdadeira intenção de Perrault, não está bem definida, mas alguns autores afirmam que, inicialmente, ele não tinha a preocupação de escrever para as crianças.

Antes de publicar Os Contos da Mamãe Gansa, Perrault desenvolve Grisélidis, Os Desejos Ridículos – um "conte de vieille (correspondente ao conto da carochinha) e A Pele de Asno e, em 1695, publica uma primeira edição dessa produção inicial: Grisélides, nouvelle avec le conte de Peau d'Asne et celui des Souhais Ridicules. A partir deste momento, dedica-se a redescoberta da literatura popular e publica os oito contos da sua famosa coletânea, cuja autoria da obra atribui ao seu filho Pierre Perrault d'Armancourt:

La Belle au Bois Dormant – A Bela Adormecida no Bosque; Le Petit Chaperon Rouge – Chaupeuzinho Vermelho; La Barbe-Bleue – O Barba Azul; Le Maître Chat ou Le Chat Botté – O Gato de Botas; Cendrillon ou La Petite Pantoufle de Verre – A Cinderela ou Gata Borralheira; Le Petit Pucet – O Pequeno Pelegar; Les Fées – As Fadas; Riquet à la Houppe – Henrique, o Topetudo. Posteriormente, Perrault inclui na coletânea Grisélidis, Os Desejos

Ridículos e A Pele de Asno.

O título desta coletânea já indica uma ligação com as narrativas populares pois Mamãe Gansa era personagem de velhos contos populares, muito familiares aos franceses, cuja função era a de contar histórias para seus filhotes, mas por analogia com o costume europeu, de mulheres contarem estórias, enquanto fiavam, em lugar da gansa apareceu a velha fiandeira na capa do livro.

Charles Perrault morreu em Paris, em 16 de maio de 1703.

2.2.3.2 Mme D'Aulnoy

A jovem baronesa Marie Catherine le Jumel de Barneville, na mesma época em que Perrault publica seus 'Contos', põe em moda os "Contos de Fada", em Paris.

De vida extremamente aventureira, cheia de escândalos e mantenedora de um salão mundano muito famoso, Mme. D'Aulnoy estréia, em 1690 com um romance, História de Hipólito, Conde de Douglas. Depois publica seus relatos de viagem: Histórias da Corte de Espanha e Relação da viagem à Espanha, que obtiveram grande sucesso.

Entre 1696 e 1698, Mme. D'Aulnoy publica oito volumes de contos maravilhosos, entre eles: Contos de Fada; Novos Contos de Fada ou As Fadas em Moda; Ilustres Fadas; etc, livros que lançaram estórias que hoje são célebres, como "O pássaro Azul", "A Princesa dos Cabelos de Ouro", "O Ramo de Ouro", etc.

2.2.3.3 Fénelon

François de Salignac de La Mothe foi de grande influência na área da literatura para crianças e também na área das idéias pedagógicas modernas.

De origem nobre, fez seus primeiros estudos no castelo Paterno e depois na Universidade de Cahors, terminando-os em Paris, no Séminaire de Saint-Sulpice. Aos 24 anos é ordenado padre e entrega-se a tarefa de missionário no Oriente, na Grécia e depois na França. Em 1678, é nomeado superior na Congregação Nouvelles Catholiques.

Fénelon, devido às suas qualidades espirituais e intelectuais torna-se reconhecido na corte. Em 1687, como preceptor das filhas da duquesa de Beauvilhiers, ele escreve um estudo sobre a educação feminina, "Tratado da Educação da Meninas", cujo objetivo é o de preparar as meninas, adequadamente para o desempenho das funções de esposa e mãe.

O referido autor, em função de suas tarefas educativas, escreve Fábulas e Diálogos dos Mortos. Porém, é a novela "As Aventuras de Telêmaco" (1695/1699) que atingiu grande difusão entre adultos e crianças.

Segundo Coelho (1991), *"As Aventuras de Telêmaco, é uma novela pedagógica, que une o conhecimento do passado sintetizado na mitologia grego-romana à imposições do presente"*.

Fénelon, encarregado de educar e "formar o caráter" do segundo herdeiro de Luís XIV, o duque de Bourgogne, realiza nos dezoito livros de 'As Aventuras de Telêmaco', um verdadeiro tratado de educação moral e política.

2.2.3.4 Irmãos Grimm

Mais de um século separa Perrault dos Irmãos Grimm. Nascidos em Hanau, na Alemanha, Jacob Ludwig Carl Grimm no dia 04 de janeiro de 1785 e Wilhelm Carl Grimm em 24 de fevereiro 1786, filhos de Philipp Wilhelm Grimm e Dorothea Grimm.

Participantes do Círculo Intelectual de Heidelberg, filólogos e grandes folcloristas, estudiosos da mitologia germânica e da história do Direito Alemão, recolheram diretamente da memória popular as antigas narrativas maravilhosas, lendas ou sagas germânicas, relatos das mais diversas fontes.

Os objetivos dessa pesquisa foram o levantamento de elementos lingüísticos para a fundamentação dos estudos filológicos da língua alemã e a fixação dos textos do folclore literário germânico.

O material recolhido pelos Irmãos Grimm resultou no volume Contos de Fada para Crianças e Adultos (Kinder und Hausmärchen) publicado em 1812 e 1822: "A Bela Adormecida", "Os músicos de Bremen", "Os Sete Anões e a Branca de Neve", "O Chapeuzinho Vermelho"; "A Gata Borralheira"; "As Aventuras do Irmão Folgazão"; "O Corvo"; "Frederico e Catarina"; "Branca de Neve e Rosa

Vermelha”; “O Ganso de Ouro”; “A Donzela que não tinha mãos”; “O Pescador e sua Esposas”; “A Dama e o Leão”; “O Alfaiate Valente”; “Os Sete Corvos”; “O Rato, o Pássaro e a Salsicha”; “A Casa do Bosque”; “O Lobo e as Sete Cabras”; “A Guardadora de Gansos”; “O Príncipe Rã”; “O Caçador Habilitado”; “Olhinho, Doisolhinhos, Tresolhinhos”; “O Lobo e o Homem”; “O Príncipe e a Princesa”; “A Luz Azul”; “O Lobo e a Raposa”; “O Enigma”; “A Raposa e a Comadre”; “A Raposa e o Gato”; “Margarida, a Espertalhona”; “A Alface Mágica”; “As Três Fiandeiras”; “João Jogatudo”; “A Morte da Franguinha”; “A Velha do Bosque”; “O Prego”; “Joãozinho e Maria”; “O Diabo e a Avó”; “O Senhor Compadre”; “João, o Felizardo”; “O Pequeno Polegar”. (Coelho, 1991)

Posteriormente, publicaram outras obras, em 1819, *A Deutsche Grammatik* (1819-1837; Gramática Alemã). Em 1835, o tratado *Deutsche Mythologie* (Mitologia Alemã), ambos escritos por Jacob. E o *Deutsches Wörterbuch* (Dicionário Alemão), obra cujo fascículo apareceu em 1852, mas não pode ser terminada por eles. Wilhelm morreu em Berlim, no dia 16 de dezembro de 1859 e Jacob em 20 de setembro de 1863, na mesma cidade.

Não posso deixar de mencionar que hoje, 21 de junho de 2005, quando revisava este trabalho soube pelo Canal Cultura que a UNESCO declarou os Contos de Fadas dos Irmãos Grimm patrimônio da Humanidade.

2.2.3.5 Andersen

De origem humilde, Andersen nasceu em 2 de abril de 1805, em Odense na Dinamarca. Perdeu seu pai aos 11 anos e sua mãe, desfrutando de seu segundo casamento, não o amava como as mães amam seus filhos. Em 1819, consegue um pequeno papel entre os atores da companhia de teatro real de Copenhague. Durante três anos dedicar-se a carreira no teatro como ator, cantor e dançarino. Durante este tempo, recebe alguma instrução, mas o diretor de teatro Jonas Colin transforma em seu protetor e encarrega-se dos estudos de Andersen. Em 1828, ingressa na Universidade, completa seus estudos e no ano seguinte publica sua primeira obra de importância: “Uma Jornada a Pé do Canal de Holmens à Ponta Leste de Amager”. A partir daí não parou mais, seguiram-se poemas, novelas, peças, livros de viagem, autobiografias e, principalmente, os

contos que o tornariam famoso.

Andersen, como Perrault e Irmãos Grimm por um lado foi um redescobridor da literatura popular mas também criador de uma nova literatura. Redescobridor pois começou adaptando contos populares já conhecidos como “A Princesa e o Grão de Ervilha” e criador pois, a partir de 1843, começou a publicar contos inventados por ele mesmo, O Patinho Feio, é um famoso exemplo.

Foram publicados em seu Eventyr, 168 contos entre 1835 e 1872. Entre os títulos mais divulgados de sua obra estão: “O Patinho Feio”; “Os Sapatinhos Vermelhos”; “A Rainha da Neve”; “O Rouxinol e o Imperador da China”; “O Soldadinho de Chumbo”; “A Pastora e o Limpador de Chaminés”; A Pequena Vendedora de Fósforos”; “Pequetita”; “Os Cisnes Selvagens”; “A Roupas Nova do Imperador”; “O Companheiro de Viagem”; “O Homem da Neve”; “João e Maria”; “João Grande e João Pequeno”; “A Pequena Sereia”; etc.

Andersen morreu em Copenhague em 04 de agosto de 1875.

2.2.3.6 Lewis Carroll

Filho de um pastor anglicano ordenou-se diácono em 1861, mas não chegou a se tornar efetivamente um pastor. Em 1845, aos treze anos de idade, publicou seu primeiro conto “O Desconhecido”, na revista do Colégio que estudava. Em 1850 começou seus estudos no Christ Church College, de Oxford, no qual permaneceu como professor de matemática superior, durante 26 anos. Em 1855, publicou poemas humorísticos e contos na revista Comic Times, já com o pseudônimo que o tornaria famoso.

“Alice no País das Maravilhas” (1862), foi sua grande obra, a qual inventou durante um passeio de barco pelo Tâmesa com seus amigos. Publicado em 1865, obteve grande sucesso que levou-o a escrever em seguida Alice Through the Looking Glass e What Alice Found There (Alice Através do Espelho e O Que Alice Encontrou Ali) publicados em 1872.

Depois, de escrever alguns tratados de matemática Carroll publica The Hunting of Snark (A Caçada do Snark, 1876); Euclides and his Modern Rivals (Euclides e seus Modernos Rivais); Sylvie and Bruno (1889) e Sylvie and Bruno Concluded (1893). Entre esses últimos dois livros publicou um novo título da série

“Alice”, *The Nursery Alice's* (1890). (Coelho, 1991)

“Lewis Carroll” vem a falecer no dia 14 de janeiro de 1898.

2.2.3.7 Collodi

Carlo Lorenzini, que ficou conhecido pelo pseudônimo Collodi é o escritor criador de outro personagem famoso na Literatura Infantil, o boneco Pinóquio.

Desde 1875, começa a escrever para crianças adaptando contos de Perrault, Mme. D'Aulnoy, etc. Recria a personagem folclórica “Gianetto”, em 1877, e escreve uma série de livros: A “Aritmética de Giannettino”; “Viagem de Gianettino para Itália”, etc. Em 1881, escreve uma novela para adultos, “Meninos de Rua” e publica neste mesmo ano um folhetim “A Estória de um Boneco”, no *Giornale dei Bambini* de Roma, cujo sucesso levou à publicação em livro em 1883, de “As Aventuras de Pinóquio”.

3. A PSICANÁLISE: LINHAS GERAIS

3.1 FREUD

“O século XIX... torna-se um século de ruptura. A partir da metade dele, o mundo é surpreendido com idéias revolucionárias a respeito da origem e evolução do homem – Darwin, do surgimento e desenvolvimento das instituições sociais; da propriedade privada e da exploração do homem pelo homem – Marx; da crítica radical à moral vigente – Nietzsche; e finalmente, da valorização do sexo e a explicação de que é a sexualidade que está na base de qualquer expressão humana – Freud”. (Cabral, 1995, p. 23)

A psicanálise é um dos marcos do século XX, trazendo a descoberta do inconsciente como etapa significativa da busca que o homem realiza à procura de si mesmo. Originou-se na prática clínica do médico e fisiologista Josef Breuer, devendo-se a Sigmund Freud (1856-1939) a valorização, aperfeiçoamento da técnica e a formulação dos conceitos nos desdobramentos posteriores do método e da doutrina, o que ele fez valendo-se do pensamento de alguns filósofos e de sua própria experiência profissional.

Sigmund Freud (Sigismund Schlomo Freud até os 21 anos), nasceu no dia 6 de maio de 1856 em Freiberg, Morávia, no império austro-húngaro (hoje Příbor, República Tcheca). Filho de Jacob Freud, comerciante judeu, e de Amalia Nathanson. Nascido no seio de uma família numerosa, Freud era o primeiro filho do segundo casamento de seu pai.

Ingressou na Universidade de Viena em 1873, aos dezessete anos. Estudou primeiro filosofia, mas decidiu-se, posteriormente, pela medicina, e especializou-se em fisiologia nervosa, área que através da prática diária atenderia à sua preocupação em conhecer a natureza humana. Freud concluiu seus estudos de medicina em 1881 e no verão de 1882, tornou-se noivo de Martha Bernays.

Formado médico, Freud começa a trabalhar no laboratório de fisiologia de Ernest Brücke, no qual permaneceu durante seis anos. Ingressa no Hospital Geral de Viena e lá trabalha em várias especialidades, porém, sente-se atraído pela neuropatologia. Primeiramente aproxima-se de Meynert, mas não prossegue com

o estudioso de doenças nervosas, pois surgem divergências teóricas.

Seu interesse pela psiquiatria leva-o a conseguir uma bolsa de estudos para estudar com Charcot, em Paris. Charcot, psiquiatra, havia se notabilizado por seus estudos com pacientes histéricas e pela utilização médica da hipnose.

O principal colaborador nas idéias iniciais de Freud foi Joseph Breuer, médico vienense, que já realizava pesquisas sobre o tratamento da histeria com hipnose, na Áustria. Breuer introduz Freud em suas descobertas, envia-lhe pacientes para serem tratados pelo novo método e tornando-se uma espécie de protetor de Freud em seus trabalhos iniciais. Juntos publicam suas descobertas, e a colaboração durará até a ruptura quando Freud elabora a teoria da sexualidade infantil.

Muitos de seus trabalhos publicados sobre a teoria psicanalítica que Freud construirá por mais de cinquenta anos são: "Os estudos sobre histeria", escritos com Breuer (1893-1895); "As psiconeuroses de defesas", 1894; "Obsessões e fobias", 1895; "Novos comentários sobre as psiconeuroses de defesas", 1896; "A interpretação dos sonhos", 1900; "A psicopatologia da vida cotidiana", 1901; "Sobre os sonhos", 1901; Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", 1905; "Fragmento da análise de um caso de histeria" (caso Dora), 1905; "Os chistes e sua relação com o inconsciente", 1905; "O esclarecimento sexual das crianças", 1907; "Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen", 1907; "Atos obsessivos e práticas religiosas", 1907; "Sobre as teorias sexuais das crianças", 1908; "Escritores criativos e devaneio", 1908; "Caráter e erotismo anal", 1908; "Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna", 1908; "Análise de uma fobia em um menino de cinco anos" (Pequeno Hans), 1909; "Notas sobre um caso de neurose obsessiva" (Homem dos Ratos), 1909; "Romances familiares", 1909; "Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens", 1910; "Psicanálise selvagem ou silvestre", 1910; "As perspectivas futuras da terapia psicanalítica", 1910; "A significação antitética das palavras primitivas", 1910; "Cinco lições de psicanálise" e "Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância", 1910; "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental", 1911; "Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia" (Dementia paranoides, caso Schreber), 1911; "O manejo da interpretação de sonhos na psicanálise", 1912; "A dinâmica da transferência", 1912; "Recomendações aos médicos que exercem a

psicanálise”, 1912; “Totem e Tabu”, 1912; “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor”, 1912; “Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise”, 1912; “O interesse científico da psicanálise”, 1913; “Duas mentiras contadas por crianças”, 1913; “O tema dos três Escrínios” e “A disposição à neurose obsessiva”, 1913; “Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença”, 1915; “As pulsões e suas vicissitudes”, 1915; “Observações sobre o amor transferencial” (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III), 1915; “Reflexões para os tempos de guerra e morte”, 1915; “O inconsciente”, 1915; “Recalcamento ou Repressão”, 1915; “Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico”, 1916; “Sobre a transitoriedade”, 1916; “Conferências introdutórias sobre psicanálise”, 1917; “Luto e melancolia”, 1917; “As transformações da pulsão exemplificadas no erotismo anal” (As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal), 1917; “Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos”, 1917; “Uma dificuldade no caminho da psicanálise”, 1917; “Tabu da virgindade”, 1917; “História de uma neurose infantil” (Homem dos Lobos) 1918; “O estranho”, 1919; “Sobre o ensino da psicanálise nas universidades”, 1919; “Introdução a Psicanálise e as neuroses de guerra”, 1919; “Memorando sobre o tratamento elétrico dos neuróticos de guerra”, 1920; “Mais-além do princípio do prazer”, 1920; “Psicologia das massas e análise do eu”, 1921; “A dissolução do Complexo de Édipo”, 1923; “O problema econômico do masoquismo”, 1924; “As resistências à psicanálise”, 1924; “Uma nota sobre o Bloco Mágico”, 1925; “A denegação”, 1925; “A questão da análise leiga”, 1926; “Inibições, sintomas e angústia”, 1926; “Psicanálise”, 1926; “Fetichismo”, 1926; “O futuro de uma ilusão”, 1926; “Dostoiévski e o parricídio”, 1928; “O mal estar na cultura” (O mal estar na civilização), 1929; “Sexualidade feminina”, 1931; “Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise”, 1932; “A aquisição e o controle do fogo”, 1932; “Um distúrbio de memória na Acrópole”, 1936; “Análise terminável e interminável”, 1937; “Construções em análise”, 1938; “Um esboço de psicanálise”, 1938; “Moisés e o monoteísmo”, 1939.

Aos 83 anos, em 23 de setembro, Freud morre de um câncer de mandíbula, do qual padeceu durante 16 anos.

3.1.1 Primeira Teoria do Aparelho Psíquico

Freud empregou a palavra “aparelho” para caracterizar uma organização psíquica dividida em sistemas, com funções específicas para cada uma delas, que estão interligadas entre si, ocupando um certo lugar na mente. Em grego, “topos” quer dizer “lugar”, daí que o modelo tópico designa um “modelo de lugares”, sendo que Freud descreveu dois deles: a “Primeira Tópica” conhecida como Topográfica e a “Segunda Tópica”, como Estrutural. Nesse modelo tópico (Primeira Tópica), o aparelho psíquico é composto por três sistemas: o inconsciente (Ics), o pré-consciente (Pcs) e o consciente (Cs).

O sistema consciente tem a função de receber informações vindas das excitações provenientes do exterior e do interior, como as de percepção, pensamento, juízo crítico, evocação, antecipação, atividade motora, etc. O pré-consciente foi concebido como articulado com o consciente e funciona como uma espécie de peneira que seleciona aquilo que pode, ou não, passar para o consciente. E por último o sistema inconsciente designa a parte mais arcaica do aparelho psíquico. No inconsciente estão elementos instintivos não acessíveis ao sistema pré-consciente-consciente. Além disso, há também o material que foi excluído da consciência, censurado e reprimido. Este material não é esquecido nem perdido, mas não é permitido ser lembrado. O pensamento ou a memória ainda afetam a consciência, mas apenas indiretamente.

3.1.2 Segunda Teoria do Aparelho Psíquico

Freud ressalta a insuficiência do esquema anteriormente construído, porquanto esse não conseguia explicar muitos fenômenos psíquicos, em especial aqueles que emergiam na prática clínica.

Assim a primeira tópica que foi inspirada pela análise do sonho e da histeria, será sucedida, após 1920, por uma segunda tópica, elaborada em resposta aos problemas da psicose. Essa nova concepção ficou cristalizada em “O ego e o id”, 1923 e consiste em uma divisão tripartite da mente em três instâncias: o id, o ego e o superego.

O Id é constituído pelo conjunto dos impulsos instintivos inatos, que

motivam as relações do indivíduo com o mundo. E tem as seguintes características: é responsável pelo processo primário, ou seja, diante de um desejo forma o objeto que permitirá a satisfação; funciona sobre o princípio do prazer, buscando a satisfação imediata das necessidades; é atemporal, a única dimensão da vivência é o presente, não há passado nem futuro; não é verbal, portanto funciona pela produção de imagens.

O Ego, nos trabalhos de Freud, é uma instância que se diferencia a partir do Id, servindo de intermediário entre o desejo e a realidade. O Ego partirá do desejo, dando o juízo de realidade, ou seja, tentará construir na realidade caminhos para a satisfação do desejo. Cabe ao Ego efetuar a conciliação entre os desejos (Id) e proibições (Superego).

O Superego é o responsável pela estruturação interna dos valores morais, ou seja, pela internalização das normas referentes ao que é moralmente proibido e o que é valorizado e deve ser ativamente buscado. Este se divide em duas partes complementares: Ego Ideal corresponde a internalização dos ideais valorizados dentro do grupo cultural e a Consciência Moral, que corresponde a internalização das proibições.

3.1.3 Fases de organização da libido

Em 1915, Freud, através de sua pesquisa, incluiu em seu livro “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, a teoria das fases da libido. Essas fases se desenvolvem a partir de uma zona erógena ou por um modo de relação de objeto entre os primeiros meses de vida e os 5 ou 6 anos, ligadas ao desenvolvimento do Id.

Inicialmente Freud desenvolve duas fases: a oral e a sádico-anal. A Fase oral é a primeira fase da evolução sexual pré-genital, nela o prazer está ligado a ingestão de alimentos e à excitação da mucosa dos lábios e da cavidade bucal. Através da boca, estrutura sensorial mais desenvolvida do indivíduo ao nascer, que fará sua primeira e importante descoberta afetiva, o seio.

A Fase anal-sádica, é a Segunda fase pré-genital da sexualidade infantil, e situa-se entre o segundo e terceiro ano de vida, é o período em que se inicia o andar, o falar e sobretudo se estabelece o controle de esfíncteres, a libido,

portanto, passa a organizar-se sobre a zona erógena anal.

Fase Fálica, só apontada por Freud em 1923, em seu artigo "A organização genital infantil". Corresponde a organização da libido que sucede as fases oral e anal. Por volta dos três anos de idade a erotização passa a ser dirigida para os genitais, desenvolvendo-se um interesse por eles. A masturbação torna-se freqüente e normal e a preocupação com as diferenças sexuais entre os gêneros. A importância desta fase está ligada ao fato que ela assinala o ponto culminante e o declínio do Complexo de Édipo pela ameaça da castração.

Período de Latência, caracteriza-se pela canalização das energias sexuais para o desenvolvimento social, este período, não é portanto uma fase, é um período intermediário entre a genitalidade infantil e a adulta; já a Fase Genital, é atingir o pleno desenvolvimento do adulto normal, que aprendeu a amar, competir, discriminou seu papel sexual, etc.

3.1.4 Complexo de Édipo

Freud denomina Complexo de Édipo, numa referência ao drama "Édipo Rei", de Sófocles, o desejo incestuoso pela mãe, e uma rivalidade com o pai.

Na fase fálica, a libido erotiza os genitais, e a tarefa básica deste momento consiste em organizar os modelos de relação entre homem e a mulher. Ao nível da criança, no menino forma uma espécie de sentimento em busca de prazer junto a uma mulher. É, portanto, natural que durante a fase fálica, como reação à emergente erotização, o menino seja dirigido em busca de uma figura feminina, que está mais próxima e de quem ele gosta, a mãe. E esta relação estabelecida servirá de suporte para que, quando adulto, possa buscar sua parceira sexual.

Se aprender a amar é uma relação positiva, o incesto é algo proibido, e deve ser reprimido. O esquema repressor é desencadeado com a figura do pai que se coloca como interceptor entre o filho e a mãe.

Com o estabelecimento do triângulo edípico, o pai mais forte, maior e dono da mãe, é sentido pelo filho como um adversário contra o qual não poderá lutar e se o elemento mais valorizado pela criança é o pênis, configura-se então, nesta relação, o temor da castração, que o obrigará a reprimir a atração sentida pela mãe. Mas o modelo de busca de um amor heterossexual foi estabelecido e será

posteriormente retomado com a adolescência.

No Complexo de Eletra, o equivalente feminino do Complexo de Édipo, proposto por Jung, cuja lenda fundamental é a de Electra e seu irmão Orestes, filhos de Agamemnon e Clytemnestra, no qual Eletra ajudou o irmão a matar sua mãe e o amante dela, um tema da tragédia grega abordado, como pequenas variações, por Sófocles, Eurípedes e Esquilo.

Intrinsecamente, o Complexo de Eletra se resume no mesmo problema do Complexo de Édipo.

3.1.5 Os sonhos e o simbolismo

O livro “A Interpretação dos Sonhos” é sem dúvida, um dos mais importantes deste século. Segundo Freud a interpretação dos sonhos “*é a via real que leva ao conhecimento das atividades inconscientes da mente*” (Freud apud Gracia-Roza, 1988, p. 62)

Os sonhos são fenômenos psíquicos, que segundo Freud, facilitam compreender o inconsciente. “*Os sonhos são realizações alucinatorias de desejos*”, (Fiori, 1981, p. 48) Nos sonhos os desejos são retomados e realizados alucinatoriamente. O Ego, enfraquecido pelo sono, diminui o limite que separa a fantasia da realidade, a tensão do desejo pode então ser aliviada. Freud afirma ainda que os sonhos não são absurdos mas possuem um sentido.

Existem, porém, desejos que não podem ser aceitos, por exemplo, ligados à agressão ou a fantasias sexuais que os valores sociais rejeitam. O inconsciente tem a capacidade de utilizar símbolos substitutivos que acabam encontrando um meio de realizar o desejo, sem que o sonhador perceba.

Freud chamou de conteúdo manifesto do sonho, o sonho lembrado e contado pela pessoa e pensamentos oníricos latentes, a parte oculta, inconsciente que através da interpretação pretende-se atingir.

Inicialmente Freud, não atribuiu grande importância a questão do simbolismo nos sonhos, e só na quarta edição de A Interpretação dos Sonhos, sob influencia de Wilhelm Stekel, que ele introduziu uma nova seção sobre o tema.

Etimologicamente a palavra símbolo vem do grego, symbolon e era

empregada, dentre outras maneiras, para designar as duas metades de um objeto partido que se aproximavam. Em *A Interpretação dos Sonhos*, Freud se referiu a símbolos já existentes e presentes no inconsciente, certos desejos ou certos conflitos são representados no sonho de forma semelhante, independente do sonhador porque eles não são encontrados apenas nos sonhos mas na arte, nos mitos, na religião. O corpo humano, os pais, os filhos, o nascimento, a morte, a nudez e a sexualidade são campos privilegiados pelo simbolismo onírico.

3.2 Jung

Carl Gustav Jung nasceu dia 26 de julho de 1875, e Kesswil, aldeia pertencente ao cantão da Turgóvia, Suíça, na região próxima ao lago de Constança. Filho único do Reverendo Paul Achilles Jung e de sua esposa Emilie Preiswerk.

Em 1879, sua família se mudou para uma aldeia próxima a Basiléia e foi lá que Carl frequentou a escola. Em 1895, ingressou na Universidade de Basiléia, no curso de ciências naturais e de medicina. Formou-se em 1900 e logo deixou Basiléia para ocupar o cargo de assistente de Eugen Bleuler, um dos psiquiatras mais famosos da época, no Hospital de Doenças Mentais de Burghölzli, de Zurique. Já em 1902, era o primeiro assistente e defendia sua tese de doutoramento: *Psicologia e patologia dos fenômenos ocultos*.

Em 1903, casou-se com Emma Rauschenbach e entre 1904 e 1915 o casal teve cinco filhos.

Em 1905, Jung foi nomeado conferencista em psiquiatria da Universidade de Zurique e médico graduado da equipe do Hospital de Doenças Mentais de Burghölzli. A partir de então começou a adquirir fama no campo da psicologia. No ano de 1906, Jung publicou *Estudos sobre associações*, época em que entrou em contato com Freud. Em 27 de fevereiro de 1907, encontraram-se pessoalmente em Viena e a partir de tal data seguiu-se um período de colaboração, a maior parte através de correspondência.

Em 1910, Jung foi nomeado o primeiro Presidente da Associação Internacional de Psicanálise, cargo que ocupou até renunciar em 1914, quando acabou rompendo com Freud. Ele renunciou também ao cargo de conferencista

da Universidade de Zurique e recolheu-se à sua residência, onde dedicou-se ao atendimento em seu consultório particular e ao seu trabalho de pesquisa.

Durante a segunda metade de sua vida e até a idade avançada ele escreveu e publicou a maior parte dos livros, artigos e trabalhos científicos que compuseram os 18 volumes de *Collected Works*. Continuou a prestar assistência aos seus pacientes até os 70 anos de idade e manteve com pessoas do mundo todo uma correspondência muito vasta. Faleceu em sua residência no dia 06 de junho de 1961 com 85 anos de idade.

Alguns dos títulos pertencentes a sua obra são: “Estudos sobre associações”, 1906, “A psicologia da demência precoce”, 1907; “O conteúdo das psicoses”, 1908; “Metamorfose e símbolos da libido”, 1912; “Sobre a compreensão importância do inconsciente em psicopatologia”, 1914; “Estrutura do inconsciente”, 1916; “As relações entre o ego e inconsciente”, 1916; “A Psicologia do inconsciente”, 1917; “Sobre o inconsciente”, 1918; “Tipos psicológicos”, 1920; “Arquétipos de inconsciente coletivos”, 1934; “Arquétipos Mãe”, 1938; “Simbologismo dos Sonhos e processo de individuação”, 1935; “A idéia de redenção em alquimia”, 1936; “Psicologia e alquimia”, 1944; “Psicologia da transferência”, 1946; “Resposta a Job”, 1952; “Presente e Futuro”, 1957; “Um mito moderno”, 1958; “Interpretação Psicológica da legenda do Graal”, 1960, etc.

3.2.1 Estrutura da Psique, os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo

“Pode-se representar a psique com um vasto oceano (inconsciente) no qual emerge uma ilha (consciência)” (Silveira, 1994, p. 73)

Para a psicologia Junguiana, é na área consciente que se desenvolvem as relações entre conteúdos psíquicos e o ego. Para qualquer conteúdo psíquico torne-se consciente terá que se relacionar com o ego. Os conteúdos, os processos psíquicos que não se relacionam com o ego estão imersos no inconsciente.

O ego é o ponto focal da consciência, é ele que traz a consciência do próprio ato de existir, junto com o senso contínuo da identidade da consciência. Ele é também o portador da personalidade.

De acordo com esta teoria o inconsciente, este contém além do reprimido, todos os conteúdos psíquicos subliminares e também o que ainda não pode ser percebido pela consciência.

Jung afirmou que o inconsciente não contém somente componentes de ordem pessoal mas também impessoal, coletiva, por isso ele dividiu em: o inconsciente pessoal e inconsciente coletivo.

O inconsciente pessoal refere-se às camadas mais superficiais do inconsciente cujas fronteiras com o consciente são bastante imprecisas. É o produto da interação entre o inconsciente coletivo e o meio ambiente. *“Os materiais contidos nesta camada são de natureza pessoal porque se caracterizam, em parte, por aquisições derivadas da vida individual em parte por fatores psicológicos, que também poderiam ser conscientes”* (JUNG, 1981, p. 127) O inconsciente coletivo corresponde às camadas mais profundas do inconsciente, refere-se aos fundamentos estruturais da psique comuns a todos os homens, *“... Já propus antes a hipótese de que o inconsciente, em seus níveis mais profundos, possui conteúdos coletivos em estado relativamente ativo; por isso designei inconsciente coletivo”* (op. cit., p. 127)

A persona, expressão que originalmente designava a máscara usado pelo autor, significando o papel que ia desempenhar, na teoria junguiana, analogamente o homem assume uma aparência que geralmente não corresponde ao seu modo autêntico para, assim, estabelecer contatos com o mundo e adaptar-se às exigências do meio onde vive. *“Como seu nome revela, ela é uma simples máscara da psique coletiva, mascara que aparenta uma individualidade, procurando convencer aos outros e a si mesma que é uma individualidade, quando, na realidade, não passa de um papel, no qual fala psique coletiva”* (op. cit., p. 146)

Os arquétipos, por sua vez, são possibilidades herdadas para representar imagens similares. São matrizes arcaicas nas quais configurações análogas ou semelhantes tomam forma.

A noção de arquétipo, postulando a existência de uma base psíquica comum a todos os seres humanos, nos permite compreender porque em lugares ou épocas distantes aparecem temas idênticos nos Contos de Fada, mitos, nos dogmas, nos ritos religiosos, nas artes, etc. Porém, segundo Silveira nem toda imagem arquetípica é um símbolo, mas em todo símbolo está presente a imagem

arquétipa como fator essencial, mas para construí-lo, a essa imagem devem se juntar outros elementos.

“Um símbolo não traz explicações, impulsiona para além de si mesmo na direção de um sentido ainda distante, inapreensível, obscuramente pressentido e que nenhuma palavra de língua falada poderia exprimir de maneira satisfatória” (Jung apud Silveira, 1994, p. 83)

4. LITERATURA E PSICANÁLISE

A psicanálise mais que uma ciência é a arte de decifrar uma verdade. Através da literatura, conjunto dos escritos alinhados sob um signo de ficção, é que o homem se interroga sobre si mesmo, sobre seu destino, sobre sua história. Através dela o indivíduo entra em contato com as lendas, mitos, epopéias, narrativas exemplares, contos, teatro, tanto em prosa quanto em verso.

A literatura, por sua vez, tem servido de suporte para as diversas questões da psicanálise. Cada vez mais se buscam nos meandros da linguagem aquilo que irrompe do inconsciente, sobre ele e seu funcionamento.

Freud, um leitor apaixonado, desde o início de seus estudos se interessou pela literatura. Sua formação foi a mais variada, podendo ser chamada de clássica, e vai desde os autores já consagrados como Aristófanes, Boccaccio, Cervantes, Diderot, Goethe, Hebbel, Heine, Hesído, Hoffmann, Homero, Horácio, Tasso, Milton, Molière, Rabelais, Schiller, Shakespeare, Sófoles, Swift, até os mais contemporâneos, Dostoiévsky, G. Flaubert, Anatole France, Ibsen, R. Kipling, Thomas Mann, Nietzsche, Schopenhauer, Bernard Shaw, Mark Twain, Oscar Wilde, Zola e Stefan Zweig. Ele extraiu de suas leituras fórmulas comprovadas que marcaram sua memória e que permitiram enfeitar seu texto com citações. Lendo, ele colheu indicações para sua pesquisa, assim como argumentos que provaram a validade de suas hipóteses. Freud escreveu sobre artistas, sobre escritores, sobre fenômenos literários, sobre obras particulares: "Delírios e Sonhos na 'Grádiva' de Jensen", 1907, "Escritos Criativos e Devaneio", 1908; "Leonardo da Vinci e uma Recordação de sua Infância", 1910; "O Tema dos Três Escrutínios", 1913; "Os Moisés de Michelângelo", 1914; "Alguns Tipos Característicos Encontrados no Trabalho Psicanalítico", 1916; "Uma Lembrança de Infância de 'Dichtung und Wahrheit' ", 1917; "O Sobrenatural", Parte I, 1919; "Dostoiévsky e o Parricídio", 1928.

Freud não foi só um autor da obra, mas também um personagem que viveu o drama de suas descobertas, e é valorizando o seu estilo narrativo e argumentativo que, produzindo textos quase poéticos, mereceu o prêmio Goethe de literatura, e podemos reconhecê-lo como um pensador da modernidade.

A psicanálise, além das condições socioculturais para sua emergência, traz

uma nova perspectiva para a interpretação do sentido. É ela que introduz o conceito de inconsciente. Este inconsciente, articulado e alteritário “*é estruturado como linguagem*”, um dos axiomas célebres proposto por Jacques Lacan.

Lacan se notabilizou, de início, pela releitura de Freud, cuja obra foi assim enriquecida e revalorizada. Freud e Lacan buscaram na poesia, em poetas como Sófoles, Goethe, Schiller e Hölderlin os subsídios para formularem os princípios de seu ensinamento. O ponto central do pensamento de J. Lacan é o que concede ao simbólico papel de constituinte do sujeito humano.

Outra analogia entre a Psicanálise e a Literatura é o sonho, que apresenta-se como um texto: frases encadeadas que descrevem uma sucessão de condutas de sensações de idéias concretas. O sonho assim como a poesia é um espaço no qual é permitido ao inconsciente aflorar. As formações do inconsciente (os sonhos) são altamente historizadas e culturais, as imagens do sonhador são buscadas num arsenal que a civilização e sua cultura oferecem. Um outro aspecto, ainda sobre o desdobramento deste tópico é: se a Literatura e Psicanálise fornecem uma leitura do humano, vista da Literatura a Psicanálise propicia um instrumento de leitura para o literário, assim a Psicanálise é um recurso de interpretação, revelação e desvendamento.

Outra relação entre Arte da Palavra e a Ciência do Inconsciente, é através das literaturas universais. São as histórias contadas pelas tribos, etnias, povos e civilizações que encarnam sobretudo um costume que tem força de lei, são os mitos, lendas ou conto maravilhoso (Contos de Fada). De uma forma geral podem ser circunscritos pela luta de um herói contra o mal até o seu triunfo, que pode ser tanto apoteótica, morte por ter transgredido uma transfiguração ou metamorfose em pessoa divina, como o acesso a sexualidade genital – “Casaram-se e tiveram muitos filhos” – chamado de esquema iniciático, pois compreende rituais de passagem para a vida adulta. Essa literatura mais especificamente o Contos de Fada, devido a abordagem deste trabalho, trata de uma instituição social que visa integrar os membros do grupo numa normalidade, numa ideologia.

O mito de Édipo, exemplo de relação entre a Literatura e a Psicanálise, tornou-se uma das bases para o sistema psicológico de Freud e permitiu-lhe conceituar a organização psíquica que é o núcleo da maturidade objetiva, da neurose e da cultura:

“... Essa tragédia narra como um oráculo dissera a Laio, o Rei de Tebas, e à sua esposa, Jocasta, que se eles tivessem um filho este mataria o pai e casaria com a própria mãe. Quando lhes nasce um filho, Édipo, a mãe, Jocasta, resolve escapar ao destino predito pelo oráculo matando a criancinha na floresta com os pés amarrados, para morrer. Mas o pastor, apiedando-se da criança, dá esta a um homem a serviço do rei de Corinto, que por sua vez, a entrega a seu senhor. O rei adota o menino, e o jovem príncipe cresce em Corinto. O oráculo em Delfos lhe diz que ele está fadado a matar o pai e se casar com a mãe. Decide evitar essa sorte e viaja numa carruagem, perde a calma e mata ao velho e ao empregado deste, ignorando ter matado o pai, rei de Tebas.

Vagueando dum lado para outro, foi dar em Tebas. Lá, a esfinge devorava homens e mulheres da cidade, e só cessaria de fazê-lo se alguém encontrasse a resposta certa para um enigma por ela proposto. O enigma era este: 'O que é que primeiro anda de quatro, depois de dois, e acaba andando em três?' A cidade de Tebas prometera que qualquer um capaz de resolver o enigma, libertando assim a cidade da Esfinge, seria feito rei e receberia por esposa a viúva do rei. Édipo lança-se no empreendimento. Encontra a resposta para o enigma – que é homem, que em criança anda em quatro pés, como adulto em dois e como velho em três (com uma bengala ou bastão). A Esfinge atira-se dentro do mar, a cidade é salva da calamidade, e Édipo torna-se rei, casando-se com Jocasta, sua mãe.

Após Édipo ter reinado em paz durante algum tempo, a cidade é dizimada por uma praga que mata muitos de seus cidadãos. Um vidente, Tirésias, revela ser a praga da punição pelo duplo crime cometido por Édipo, parricídio e incesto. Édipo depois de tentar desesperadamente não ver a verdade, cega-se ao ser forçado a aceitá-la, e Jocasta suicida-se.” (FROMM, 1962, p. 144)

Aproximando os Contos de Fada com a psicanálise, pode-se observar que a repressão sexual atua seguindo as fases da sexualidade infantil, propostas por Freud: os personagens são punidas se gulosas, indicando a fase oral; se perdulárias ou avarentas, fase anal; se muito curiosas, fase fálica. Outro ponto que permite a relação com a obra de Freud é com a divisão do princípio do prazer, excesso de gula, de avareza ou desperdício, de curiosidade e o princípio da realidade, aprender a moderar impulsos, a protelar o prazer, a discriminar os afetos com o sexo e condutas.

5. INTERPRETAÇÃO DOS CONTOS DE FADA

Os Contos de Fada são ricos e múltiplos ao que se refere aos sentidos que possuem, tanto do ponto de vista literário, filosófico, sociológico e histórico quanto do ideológico, das relações de poder, etc.

O estudo dos sonhos e a descoberta de sua semelhança com os mitos primitivos foi um dos motivos de aproximação entre Jung e Freud, mas foi também um dos pontos de ruptura entre estes dois pensadores. Freud via os sonhos como expressão da parte irracional da personalidade humana, Jung considerava-os uma manifestação do inconsciente como um todo representando não só desejos irracionais, mas todas as experiências psíquicas não conscientes. Ambos concordavam, porém, que o material dos sonhos é muito semelhante ao dos mitos e contos de fada, e que para compreendê-los é necessário conhecer os significados da linguagem simbólica.

As descobertas destes dois autores, levaram seus seguidores ao estudo dos mitos e Contos de Fada, como Erich Fromm, Erich Neumann, Bruno Bettelheim, Marie-Louise von Franz, Hans Dieckmann e Noemi Paz.

Essas histórias, assim como os sonhos, para os freudianos, expressam impulsos reprimidos na infância, em cuja origem estão sempre os desejos sexuais. Os junguianos consideram como origem das narrativas populares e dos sonhos as camadas profundas do inconsciente, na qual se instalaram as imagens arquetípicas comuns a todos os homens, que formam a base da psique humana. *“Os contos de fadas são a expressão mais pura e mais simples dos processos psíquicos do inconsciente coletivo... Eles representam os arquétipos na sua forma mais simples, plena e concisa... Nos mitos, lendas ou qualquer outro material mitológico mais elaborado, atingimos as estruturas básicas da psique humana através de uma exposição do material cultural.”* (FRANZ, 1981, p.15).

Bruno Bettelheim estudou vários tipos de Contos de Fada e desse seu estudo surgiram algumas idéias: de que o conto é essencial na formação da criança; ajuda-a a estabilizar afetos conflitantes, como verdadeiro/falso, bom/mau, justo/injusto nas relações com as pessoas; os contos, também ajudam a criança na aceitação de um desejo que possui e atemoriza, o de separar-se e levar sua própria vida, na medida que permitem lidar com esse desejo e a elaborar

soluções para ele, ao nível do imaginário.

As análises de Bettelheim, porém, não avançam segundo alguns aspectos. A idéia deixada pelo livro dissolve o aspecto repressivo presente nos contos, enfatiza o aspecto pedagógico restringindo seu caráter lúdico primordial e por último não põe em dúvida a moral sexual burguesa contida nos contos. Por exemplo, o autor não analisa o fato da sexualidade feminina sempre ser apresentada como dolorosa mas sempre compensada pela maternidade, como em Branca de Neve, quando a mãe de Branca fere o dedo no bordado, 'sangra' e 'mancha' a alvura da neve e imagina a felicidade de ter uma filha branca e rosada.

Marilena Chauí no livro *"Repressão Sexual: essa nossa (des) conhecida"*, faz uma interessante distinção entre os Contos de Fada, dividindo-os em dois 'tipos': contos de retorno e contos de partida. Contos de retorno são aqueles que asseguram a criança o retorno à casa e ao amor dos familiares, depois de aventuras em que se perdeu tanto por desobediência quanto por necessidade. A sexualidade nesses contos apresenta-se nas formas indiretas ou disfarçadas da genitalidade, que são apresentadas como ameaçadoras, principalmente porque a criança ainda não está preparada para ela, o conto "Chapeuzinho Vermelho" é um exemplo dos contos de retorno. Nos contos de partida a sexualidade genital terá prioridade e pode ser aceita depois que as personagens passarem por várias provas que assegurarão sua maturidade. O conto "A Bela Adormecida", assim como da Gata Borralheira e Branca de Neve são exemplos de contos de partida.

5.1 Bela Adormecida

Era uma vez um rei e uma rainha que estavam tão aborrecidos por não terem filhos, mas tão aborrecidos, que seria impossível dizê-lo. Iam a todas as estações de águas do mundo: faziam promessas, peregrinações, preces, tentavam de tudo, mas nada dava resultado. No entanto, a rainha acabou por engravidar, e deu à luz uma menina. O batizado foi uma festa linda, ímpar. A princesa teve por madrinhas todas as fadas da região (encontraram-se sete), para que, por meio de cada dom concedido por elas, como era o costume das fadas naqueles tempos, a princesinha tivesse todas as perfeições imagináveis.

Após as cerimônias do batismo, a comitiva voltou ao palácio real, onde

havia um grande banquete oferecido às fadas. Diante de cada uma foi posto um magnífico talher, num estojo de ouro maciço, cravejado de diamantes e rubis, em que havia uma colher, um garfo e uma faca de puro ouro.

Mas quando todos tomavam lugar à mesa, surgiu uma fada velha que não havia sido convidada porque fazia mais de cinquenta anos que se trancara numa torre e todos a julgavam morta ou encantada. O rei ordenou que lhe dessem um talher, mas não foi possível dar-lhe um estojo de ouro maciço, como às outras, porque só haviam sido encomendados sete, para as sete fadas. A velha achou que a desprezavam, e grunhiu algumas ameaças entredentes.

Uma das jovens fadas que estava perto dela a ouviu, e julgando que poderia conceder algum dom nefasto à princesinha, foi, assim que todos deixaram a mesa, esconder-se atrás da tapeçaria, para ser a última a falar, na esperança de reparar, na medida do possível, o mal que a velha pudesse ter em mente fazer.

Então, as fadas começaram a ofertar os dons à princesa. A mais nova lhe concedeu o dom de ser a mais bela pessoa do mundo, a seguinte, o de ter o espírito de um anjo, a terceira, o dom da graça admirável em tudo o que fizesse, a quarta, o de dançar perfeitamente bem, a quinta, o dom de cantar como um rouxinol, e a sexta, o de tocar todos os tipos de instrumentos com a máxima perfeição. Quando chegou a vez da fada velha, esta disse, balançando a cabeça mais por despeito do que por velhice, que a princesa espetaria a mão no fuso de uma roca de fiar e que disso morreria.

Essa terrível predição fez todos tremerem, e não houve quem não chorasse. Nisso, a jovem fada saiu detrás da tapeçaria, e disse alto e bom som:

- Fiquem tranquilos, rei e rainha, a princesa não morrerá disso. É verdade que não tenho poder o bastante para desfazer por completo o que a minha precedente fez. A princesa espetará a mão num fuso, mas, em vez de morrer, mergulhará num sono profundo por cem anos. Ao fim desse tempo, o filho de um rei virá despertá-la.

Todavia, o rei, na tentativa de evitar a desgraça anunciada pela fada velha, mandou de imediato publicar um edital que proibia, sob pena de perder a vida, a posse e o uso de rocas de fiar.

Ao fim de quinze ou dezesseis anos, tendo o rei e a rainha ido a uma das

suas casas de campo, aconteceu de a jovem princesa percorrer todos os recônditos do castelo, subindo de cômodo em cômodo, até chegar a uma torre, em cujo topo encontrou um sótão miserável, onde uma velha fiava sozinha na roca. A boa mulher não sabia da proibição do rei, pois morava ali havia anos e nunca ouvira falar disso.

- O que está fazendo, senhora? – perguntou-lhe a princesa. - Estou fiando, linda menina – respondeu-lhe a velha, que não a conhecia.

- Ah! Como é bonito! – retomou a princesa. – Como faz? Mostre-me para que eu faça tão bem quanto a senhora.

Não poderia ter pego o fuso mais rápido, de tão viva que era, além de ser um pouco estabanada, como, aliás, o determinava o decreto das fadas. Logo espetou a mão e caiu sem sentidos.

A velha, aflitíssima, grita por socorro; vêm pessoas de todos os lados; lançam água no rosto da princesa; desapertam-lhe as roupas, esfregam-lhes as têmporas com água da rainha da Hungria; mas nada a fazia voltar a si.

Então o rei, que subiu ao ouvir o tumulto, lembrou-se da predição das fadas, e julgando que aquilo tinha de acontecer e nada havia afazer, mandou acomodar a princesa no mais lindo aposento do palácio, numa cama com bordados de ouro e prata. Parecia um anjo, de tão linda que era, pois o desmaio não lhe tirara as cores vivas da tez: o rosto estava corado e os lábios da cor do coral, só os olhos é que estavam fechados, mas respirava tranqüilamente, o que demonstrava que não morrera. O rei deu ordem para que a deixassem dormir em paz, até que a hora do seu despertar chegasse.

A boa fada, que lhe salvara a vida condenando-a dormir por cem anos, estava no reino de Mataquino, a doze mil léguas de distância, quando se dera o incidente com a princesa; porém, ela foi avisada num instante por um anãozinho, que tinha botas sete-léguas (que percorriam sete léguas com uma só passada). A fada partiu logo, e viram-na chegar numa carruagem de fogo, puxada por dragões. O rei foi oferecer-lhe a mão para que descesse.

A boa fada aprovou tudo o que ele fizera, mas como era muito previdente, pensou que quando a princesa despertasse, ficaria muito desnorteada, sozinha naquele velho castelo. Então fez o seguinte: tocou com a varinha tudo o que estava no castelo (com exceção do rei e da rainha), governantas, damas de

honra, camareiras, gentis-homens, empregados, chefes de cozinha, cozinheiros, aprendizes de cozinheiros, copeiros, mensageiros, guardas, porteiros, pajens, lacaios; e também todos os cavalos que estavam nas estrebarias com os cocheiros, os grandes mastins de galinheiros, e a pequena Puffe, a cachorrinha da princesa, que não lhe saía de ao pé da cama. Num passe de mágica, todos adormeceram para só virem a despertar no mesmo instante que a sua senhora, e prontos para servi-la quando ela precisasse; até mesmo os espetos, que estavam no fogo cheios de perdizes e faisões, adormeceram, bem como o próprio fogo. Tudo isso se deu num instante; as fadas faziam rápido o seu trabalho.

Então, o rei e a rainha, depois de beijarem a filha querida sem que ela despertasse, saíram do castelo, e proibiram, a quem quer que fosse, aproximar-se do palácio. O que não era necessário, pois em quinze minutos, cresceram, em torno do parque, tantas árvores, grandes e pequenas, sarças e espinhos entrelaçados, que animal algum, homem algum, poderia passar, de modo que não se via nada além do topo das torres do castelo, ainda que se ficasse a grande distância. Não se duvidou de que aquilo era obra da boa fada, para que a princesa, enquanto dormisse, não tivesse nada a temer dos curiosos.

Cem anos depois, o filho do rei que então reinava, e que não pertencia à família da princesa adormecida, foi caçar para aqueles lados, e perguntou o que seriam aquelas torres que ele via acima de um grande e denso bosque. Cada um lhe respondeu de acordo com o que ouvira falar. Alguns diziam que era um velho castelo para onde os espíritos voltavam; outros que todos os feiticeiros da região ali praticavam o sabá. A opinião mais comum era a de que um ogro morava no castelo, e que para lá levava todas as crianças que conseguia pegar, para poder comê-las à vontade, e sem que o pudessem seguir, e que ele era o único que tinha o poder de atravessar o bosque.

O príncipe não sabia em quê acreditar, quando um velho camponês tomou a palavra, e lhe disse:

- Meu príncipe, faz mais de cinquenta anos que ouvi de meu pai que nesse castelo havia uma princesa, a mais bela do mundo, que deveria dormir por cem anos, e que o filho de um rei, a quem estava destinada, a despertaria.

O jovem príncipe, a tais palavras, se inflamou; tinha a firme convicção de que poria fim àquela belíssima aventura, e impulsionado pelo amor e pela glória,

resolveu, de imediato, ver o que lá se passava. Assim que se dirigiu para o bosque, todas aquelas árvores enormes, aquelas sarças, aqueles espinhos se separaram para dar-lhe passagem: ele foi em direção ao castelo que vislumbrava no fim de um grande caminho, onde entrou, e o que o surpreendeu um pouco foi ver que ninguém o pudera seguir, porque as árvores se haviam juntado assim que ele passara. No entanto, prosseguiu: um príncipe jovem e apaixonado é sempre valente.

Entrou num grande pátio onde tudo o que viu diante de si era de meter medo: um silêncio horrível, a imagem da morte por toda parte, corpos de homens e animais estendidos como se estivessem mortos. No entanto, percebeu, pelo nariz cheio de espinhas e o rosto corado dos porteiros, que eles apenas dormiam, e as suas taças, em que ainda havia algumas gotas de vinho, mostravam que eles haviam adormecido enquanto bebiam.

Passa por um grande pátio com piso de mármore, sobe a escada, entra na sala dos guardas, todos enfileirados, de baionetas ao ombro, e roncando a valer. Atravessa vários cômodos cheios de gentis-homens e damas, todos adormecidos, uns de pé, outros sentados; entra num quarto todo dourado, e vê numa cama, de cortinas entreabertas, o mais belo quadro que ele jamais vira: uma princesa que parecia ter quinze ou dezesseis anos, e cujo brilho resplandecente tinha algo de luminoso e divino. Aproximou-se, trêmulo e admirado! e ajoelhou-se aos seus pés.

Então, findo o encanto, a princesa despertou; e olhando para ele com os olhos mais ternos do que ver uma pessoa pela primeira vez parece permitir, disse:

- É você, meu príncipe? Eu o esperei tanto!

O príncipe, encantado com essas palavras, e mais ainda com a maneira pela qual eram ditas, não sabia como expressar-lhe a sua alegria e o seu reconhecimento; garantiu-lhe que a amava mais do que a si mesmo. Falou desajeitadamente, mas as suas palavras agradaram muito; pouca eloquência, muito amor. Estava mais embaraçado do que ela, e isso não causa surpresa alguma; ela tivera tempo de sonhar com o que teria a dizer-lhe, pois parece (embora a história não o diga) que a boa fada, durante o tão longo sono, lhe proporcionara sonhos agradáveis. Enfim, fazia quatro horas que eles conversavam, e ainda não haviam dito metade do que tinham a se dizer.

No entanto, todo o palácio havia despertado com a princesa; todos haviam sonhado que cumpriam as suas tarefas, e como nem todos estavam apaixonados, acordaram mortos de fome; uma das damas de honra, atarantada como os demais, perdeu a paciência, e disse bem alto à princesa que a carne estava servida. O príncipe ajudou a princesa a se levantar, ela estava toda vestida, e magnificamente, mas ele teve o cuidado de dizer-lhe que embora estivesse trajada "como a minha avó", com um colarinho de renda, nem por isso estava menos bela.

Passaram para a sala dos espelhos, onde lhes foi servida a ceia; os violinos e os oboés tocaram velhas peças, porém excelentes, embora fizesse mais de cem anos que ninguém as tocava; e depois da ceia, sem perder tempo, o capelão-mor os casou na capela do castelo, e a dama de honra fechou a cortina do leito nupcial: dormiram pouco, a princesa não necessitava muito de repouso, e o príncipe a deixou assim que amanheceu para voltar à cidade, pois o pai devia estar preocupado com ele.

O príncipe lhe disse que se perdera na floresta enquanto caçava e que dormira na cabana de um carvoeiro, que lhe oferecera pão preto e queijo. O rei seu pai, que era um homem bom, acreditou, porém a mãe não ficou persuadida, e vendo que ele ia quase todos os dias caçar, e que sempre tinha uma desculpa na ponta da língua quando passava duas ou três noites fora, não teve mais dúvidas de que se tratava de um namorico: ele viveu com a princesa assim mais de dois anos inteiros, e eles tiveram dois filhos, tendo o primeiro, que era uma menina, recebido o nome de Aurora, e o segundo, um menino, o de Dia, porque parecia ainda mais belo do que a irmã.

A rainha pediu várias vezes ao filho que se lhe explicasse, que devia levar a vida regrada, mas ele não tinha a coragem de lhe confiar o seu segredo; temia-a, embora a amasse, pois ela era da raça dos ogros, e o rei só a desposara pelos seus grandes bens; dizia-se até mesmo na Corte, em surdina, que tinha a inclinação dos ogros, e que toda vez que via criancinhas, era a duras penas que conseguia conter-se; por isso, o príncipe jamais quis contar-lhe nada.

Mas quando o rei morreu, fato sucedido dois anos depois, ele se viu senhor e declarou publicamente o seu casamento, trazendo, com pompa e circunstância, a esposa ao castelo. Fizeram-lhe uma recepção magnífica na cidade principal,

onde ela entrou seguida dos filhos.

Passado um tempo, o novo (já não era tão jovem assim) rei foi guerrear com o imperador Cantalabuto, seu vizinho. Deixou a rainha-mãe como regente do reino, e lhe recomendou muito a esposa e os filhos: deveria ficar guerreando por todo o verão, e assim que ele partiu, a rainha-mãe mandou a nora e os seus filhos para uma casa de campo na floresta, para poder saciar mais facilmente a sua horrível vontade.

Alguns dias depois, ela mesma foi para lá e, certa noite, disse ao cozinheiro:

- Amanhã, no jantar, quero comer a pequena Aurora. – Ah , não, senhora! – disse o cozinheiro.

- Eu quero – disse a rainha, e o disse num tom de ogra com vontade de comer carne fresca. – E quero comê-la ao molho Roberto.

O pobre homem, sabendo perfeitamente que não se devia discutir com uma ogra, pegou o facão e subiu ao quarto da pequena Aurora: tinha então quatro anos, e veio, pulando e rindo, lançar-se-lhe ao pescoço, e pedir-lhe balas. Ele começou a chorar, deixou o facão cair, e foi, resoluto, até o viveiro degolar um cordeirinho, que preparou com um molho tão bom que a patroa lhe garantiu que nunca havia comido nada igual. Entrementes, ele pegara a pequena Aurora e a dera à sua mulher para que esta a escondesse na casa que eles tinham atrás do galinheiro.

Oito dias depois, a malvada rainha disse ao cozinheiro:

- Na ceia, quero comer o pequeno Dia.

Ele não replicou; decidido a enganá-la como da outra vez, foi buscar o pequeno Dia, e o encontrou empunhando um pequeno florete, com o qual duelava com um grande macaco; no entanto, tinha só três anos. Levou-o à esposa, que o escondeu com a pequena Aurora, e pôs no lugar do pequenino Dia um cabritinho bem macio, que a ogra achou admiravelmente bom.

Tudo estava dando certo, mas certa noite a malvada rainha disse ao cozinheiro:

- Quero comer a rainha com o mesmo molho com que comi os seus filhos.

Então, o pobre cozinheiro se desesperou, pois não sabia como poderia enganá-la. A jovem rainha já passava dos vinte anos, sem contar os cem que

dormira: tinha a pele um pouco dura, apesar de linda e branca; e como encontrar um animal tão duro assim?

Resolveu, para salvar a própria vida, degolar a rainha, e subiu ao seu quarto, decidido a dar um só golpe; tentava enfurecer-se, e entrou de punhal na mão no quarto da jovem rainha. Porém, não quis surpreendê-la, e contou-lhe com muito respeito a ordem que recebera da rainha-mãe.

- Cumpra o seu dever – disse-lhe ela – oferecendo-lhe o pescoço – Execute a ordem que lhe deram; vou rever os meus filhos, os meus pobres filhos que tanto amei (ela os julgava mortos desde que os haviam levado sem lhe dizerem nada).

- Não, não, senhora – respondeu-lhe o pobre cozinheiro todo comovido – não morrerá, e não deixará de rever os seus queridos filhos, mas isso acontecerá na minha casa, onde os escondi, e eu vou enganar a rainha de novo, fazendo-a comer uma jovem corça no seu lugar.

Levou-a imediatamente à sua casa, onde ela se pôs a beijar e chorar com os filhos, enquanto ele próprio foi preparar uma corça, que a rainha comeu na ceia, com o mesmo apetite com que teria comido a jovem rainha. Estava muito contente com a sua crueldade e preparava-se para dizer ao rei, quando ele voltasse, que os lobos enraivecidos haviam comido a rainha sua esposa e os seus dois filhos.

Certo dia, quando passeava, como de costume, pelos pátios e pelos viveiros da casa de campo para farejar alguma carne fresca, ouviu, na casa que ficava atrás do galinheiro, o pequeno Dia aos prantos, pois a rainha sua mãe queria vergastá-lo porque ele fora desobediente, e ouviu também a pequena Aurora pedindo clemência para o irmão. A ogra reconheceu a voz da rainha e dos seus filhos, e, furiosa por ter sido enganada, ordenou no dia seguinte, assim que amanheceu, com voz assustadora que fazia todos tremerem, que trouxessem para o meio do pátio um caldeirão, e que o enchessem de sapos, víboras, cobras e serpentes, para que nele fossem lançados a rainha e os seus filhos, bem como o cozinheiro, a sua esposa e a empregada desta: determinara que os trouxessem com as mãos amarradas nas costas.

Estavam lá, e os carrascos se preparavam para lançá-los ao caldeirão, quando o rei, que não era esperado tão cedo, entrou no pátio a cavalo; viera às

pressas, e perguntou, apavorado, o que significava aquele horrível espetáculo; ninguém ousava responder-lhe, quando a ogra, enraivecida por ver o que via, se atirou de cabeça no caldeirão, sendo devorada num instante pelos bichos asquerosos que ela própria mandara pôr lá dentro. É claro que o rei ficou triste: ela era a sua mãe; mas logo se consolou com a sua bela esposa e os seus filhos.

MORALIDADE

Esperar por um tempo um bom e rico esposo,
Galante, encantador, garboso,
É coisa bastante vulgar,
Porém, esperar por um século, e dormente,
Moça igual não se pode achar,
Que durma tão tranqüilamente.

OUTRA MORALIDADE

A fábula deseja apenas nos mostrar,
Que do hímen amiúde os nós tão delicados,
Não deixam de ser bons, ainda que adiados,
Que espere quem se quer casar;
Mas as mulheres, sempre a arder,
Aspiram à fé conjugal,
Que eu não tenho coragem, nem poder
De lhes pregar esta moral.

(PERRAULT, p.45-63)

Esta versão do Conto de Perrault, é praticamente desconhecida no Brasil aparecendo apenas nas tradições mais fiéis. O conto não termina no momento em que a princesa se casa com o príncipe, após ser despertada por um beijo de amor. Aliás na Bela Adormecida de Perrault o príncipe não chega a beijá-la *“Aproximou-se, trêmulo e admirado e ajoelhou-se aos seus pés. Então, findo o encanto, a princesa despertou; e olhando para ele com os olhos mais ternos do que ver uma pessoa pela primeira vez parece permitir, disse: É você, meu príncipe? Eu o esperei tanto!”*, a

versão do beijo só vai aparecer um século depois com os Irmãos Grimm.

Neste Conto para atravessar a adolescência é preciso se submeter a provas até serem vencidas rumo ao amor e à vida nova. A adolescência, é um período de feitiço, que pode passar por castigos tanto merecidos como imerecidos, mas que de certa forma servem de refúgio ou proteção para a passagem para a idade adulta, que, em *Bela Adormecida*, é representada pelo sono profundo da princesa.

A figura feminina, assim como em muitos outros, ocupa o lugar central na história, elemento mais importante na trama da narrativa, ela é a protagonista enquanto o personagem masculino é secundário, representando o instrumento de transformação e realização da mulher.

Os atributos das personagens femininas logo são enfatizados nos contos, elas são muito lindas, dóceis, amáveis e lembram garotas ingênuas e desprotegidas, que estão expostas a todos os perigos do mundo. A mulher ideal deveria ser bem definida, como a descrição da *Bela Adormecida*: *"Parecia um anjo, de tão linda que era, pois o desmaio não lhe tirara as cores vivas da tez: o rosto estava corado e os lábios da cor do coral, só os olhos é que estavam fechados, mas respirava tranquilamente, o que demonstrava que não morreria."* A beleza, nesta passagem, é marcada como o principal atributo feminino, pois se mantém durante o sono de cem anos, e confirma o fato dos homens serem influenciados pela aparência.

Perrault, neste e em outros contos, retratou o modelo de comportamento feminino esperado pela sociedade machista: a mulher deve ser linda, dócil, obediente e infinitamente bondosa. A beleza, o maior estigma da feminilidade, foi o primeiro dom com que se preocuparam as fadas *"Então, as fadas começaram a ofertar os dons à princesa. A mais nova lhe concedeu o dom de ser a mais bela pessoa do mundo..."*, e a razão de interferência do herói *"O príncipe não sabia em quem acreditar, quando um velho camponês tomou a palavra, e lhe disse: - Meu príncipe, faz mais de cinquenta anos que ouvi de meu pai que nesse castelo havia uma princesa, a mais bela do mundo, que deveria dormir por cem anos, e que o filho de um rei, a quem estava destinada, a despertaria"*. As personagens que não tinham estes atributos – bondade, delicadeza, a honestidade, o recato, a obediência – eram punidas ou simplesmente esquecidas, é o que acontece com a sogra ogra da *Bela Adormecida*, que foi punida com a morte.

A figura da fada também é destacada: elas lembram a mãe protetora e as bruxas lembram a madrasta, a mãe malvada. Representam a antiga divindade feminina das sociedades matriarcais, ou a imagem arquetípica da mãe, com seu lado bom (fada) e com seu lado mau (bruxa), do que Jung fala, *“deusa bela e generosa, mas também cruel”*.

Uma fada deixa de ser convidada para o banquete dedicado a fertilidade, o nascimento da princesa, a punição é decretar a morte da menina quando esta apresentar os sinais da fertilidade, maldição esta que simboliza o medo das meninas diante da alteração de seus corpos e da menstruação. A fada boa está encarregada de contrabalançar os equívocos, colocando a menina no sono da espera para momento certo da iniciação sexual.

Neste conto a princesa será vítima da curiosidade que a faz tocar num objeto proibido, o fuso – objeto fálico – no qual se fere – fluxo menstrual. Sangrando antes da hora, adormece, devendo aguardar um príncipe valente para salvá-la. O sexo aparece, em sua forma genital, na forma simbólica e prematuro na imagem do fuso. A ‘morte’ da menina decorre da curiosidade que a faz antecipar com um objeto errado (masturbação) a sexualidade.

O fuso, pela sua forma, tem características fálicas, e está sempre associado à roca como parte indispensável da atividade feminina de tecer novas vidas.

Quanto as fontes da Bela Adormecida, pesquisadores citam algumas histórias escritas na Idade Média e até o Mito de Eros e Psiquê (Anexo I), que foi escrito por Apuleio no século II. A vingança da fada que não foi convidada para o batizado esta na história de Éris, furiosa por não ter sido convidada para as núpcias de Tétis e Peleu. Porém segundo Mendes, a fonte mais provável é o conto O Sol, A Lua e a Tália: *“Tália é uma princesa que, ao nascer, teve o futuro previsto por sábios e videntes. O grande perigo de sua vida seria uma farpa de linho que, apesar dos cuidados do rei, acabou se cravando sob a unha e fazendo-a cair desfalecida. O rei colocou-a no trono e abandonou o castelo. Tempos depois passou por lá outro rei que, ao ver Tália adormecida, apaixonou-se por ela mas não conseguiu despertá-la. Amou-a assim mesmo e foi-se embora, abandonando-a. Nove meses depois a princesa, ainda adormecida, deu à luz a um casal de gêmeos, Sol e Lua, que se alimentavam em seus seios. Um dia um dos bebês sugou por engano o dedo da mãe, a farpa de linho se desprende e ela acordou. Assim a reencontrou o rei e o segredo não pode manter-se*

por muito tempo. Sua esposa manda buscar as crianças e pede ao cozinheiro que as sirva na refeição do marido, ordem que evidentemente não foi cumprida. Quando pretendia jogar Tália no fogo, a rainha foi surpreendida pelo rei, que mandou matá-la ficando com a princesa e seus filhos.” (MENDES, 2000, p. 91)

Por fim, a moral em versos acrescida no final do conto evidencia, em primeiro lugar, a intenção de Perrault de mostrar que contar uma história e acrescentar-lhe uma lição moral são coisas distintas, ela não contamina o conto e pode ser suprimida sem que se altere a narrativa. Outra evidência é a vontade de atualizar as histórias dando um contexto social contemporâneo. As conotações sexuais atribuídas a certos comportamentos dos personagens aparecem de forma sutil nas “MORALIDADES”, no conto da Bela Adormecida a história sugere que um casamento feliz pode esperar cem anos para se concretizar.

5.2 Chapeuzinho Vermelho

Era uma vez uma doce menininha que conquistava o amor de todos que a conheciam, mesmo de quem só a havia visto uma vez. Ela tinha uma velha avozinha que lhe desejava tudo de bom, de tanto que a amava. Certa vez, a avó lhe mandou um pequeno manto com um capuz de veludo vermelho que lhe caiu tão bem que ela ganhou o apelido de Chapeuzinho Vermelho.

Um dia, sua mãe a chamou e disse: "Venha cá, Chapeuzinho. Quero que vá visitar a sua avó e leve um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho para ela, pois está muito fraca e isso vai lhe fazer bem. Mexa-se e apronte-se antes que o tempo fique quente demais, e vá direito pelo seu caminho, comporte-se bem e com discrição; e não corra para não cair e quebrar a garrafa, senão a sua avó vai ficar sem vinho. E quando passar pela vila, não se esqueça de fazer uma mesura e dizer 'bom dia' para todos os conhecidos".

"Vou fazer tudo que está me dizendo, mamãe", disse a criança, ao se despedir e sair para sua longa jornada.

Da vila até a casa da avó, era uma boa meia hora de caminhada pelo mato, e mal Chapeuzinho Vermelho havia entrado no bosque, encontrou um lobo.

Chapeuzinho não sabia o animal perverso que ele era, e não lhe teve o

menor medo.

"Bom dia, Chapeuzinho Vermelho", disse o lobo.

"Bom dia, senhor", replicou a menininha, fazendo uma mesura.

"Onde está indo tão cedo, Chapeuzinho Vermelho?", ele perguntou.

"Visitar minha avozinha, senhor", ela respondeu. "Ontem mamãe assou e me mandou levar um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho para ela porque está doente, e isso vai deixá-la mais forte e fazer-lhe bem."

"Onde mora a sua avozinha, Chapeuzinho Vermelho?"

"A cerca de meia milha daqui, pela mata. Sua casa fica debaixo de três carvalhos grandes, perto das sebes de nozes; é bem fácil de reconhecer", disse Chapeuzinho Vermelho.

Ao ouvir isso, o lobo pensou: "Esta coisinha delicada seria um doce petisco para mim afinal, e seria mais saborosa do que sua velha avó, mas não mataria minha fome. Vou ter de comer as duas."

Então ele caminhou calmamente ao lado de Chapeuzinho Vermelho até chegarem num trecho da mata onde cresciam muitas flores.

"Olha, Chapeuzinho Vermelho", disse ele, "que lindas flores brotam por aqui. Não gostaria de descansar e colher algumas? Não ouve com que doçura os passarinhos cantam? Você está andando com tanta pressa como se estivesse indo para a escola, e aqui no bosque é muito mais agradável."

Chapeuzinho olhou então em volta e viu os raios brilhantes do sol dançando por entre as árvores e iluminando as lindas flores que cresciam ao seu redor, e pensou: "Se eu levar um ramalhete de flores frescas para minha avozinha, ela vai ficar muito contente. Ainda é cedo e tenho tempo de sobra."

Assim, ela saiu de seu caminho e entrou no bosque para colher flores. E depois de colher algumas, viu outras ainda mais bonitas mais adiante, e assim foi andando mais e mais longe penetrando nas profundezas da mata.

Enquanto isso, o lobo foi direto para a casa da avó e bateu à porta.

"Quem é?"

"Chapeuzinho Vermelho", respondeu o lobo, imitando a voz da menina. "Mamãe me mandou trazer um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho para a senhora. Abra a porta."

"Levante o trinco e entre", ela replicou. "Estou fraca demais para me

levantar.”

Aí o lobo levantou o trinco, abriu a porta e depois entrou correndo, saltou sobre a pobre e velha avozinha e a devorou. Em seguida ele fechou a porta, vestiu a camisola e a touca da velha, e deitou-se na cama à espera de Chapeuzinho Vermelho.

Depois de Chapeuzinho Vermelho colher todas as flores que podia carregar, achou rapidamente o caminho de volta e caminhou apressada até a casa da avó, e bateu à porta.

“Quem é?”, perguntou o lobo, tentando imitar a avó. Sua voz era tão áspera, porém, que Chapeuzinho teria ficado assustada se não soubesse que a avó estava resfriada.

Ela então respondeu:

“É Chapeuzinho Vermelho. Mamãe mandou um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho para a senhora.”

“Levante o trinco e entre”, disse o lobo.

Aí Chapeuzinho Vermelho levantou o trinco e entrou.

Quando viu a avó, como pensava, deitada na cama, foi até ela e abriu as cortinas, mas só pôde ver a cabeça porque o lobo havia puxado a touca o mais que podia por cima do rosto.

“Bom dia”, disse ela, sem receber resposta. Então se aproximou da cama e gritou: “Puxa, vovó, que orelhas tão grandes a senhora tem!”

“São para melhor te ouvir, minha querida”, disse o lobo.

“E que olhos tão grandes a senhora tem!”

“São para melhor te ver, minha querida.”

“Mas vovó, que mãos grandes a senhora tem!”

“São para melhor te abraçar, minha querida.”

“Mas vovó, que dentes grandes a senhora tem!” exclamou Chapeuzinho Vermelho, que estava começando a ficar assustada.

“São para melhor te devorar!”, exclamou o lobo, e saltando da cama, agarrou a pobre Chapeuzinho Vermelho e a engoliu de uma só bocada.

Tendo saciado a fome, o lobo deitou-se na cama e pôs-se a roncar tão alto que podia ser ouvido do lado de fora.

Um caçador que havia saído a caçar com a sua espingarda, estava

passando por ali e pensou: “Como ronca essa velha! Vou entrar e ver o que está acontecendo.”

Então ele entrou no quarto e quando se aproximou da cama, viu o lobo deitado.

“Ora, ‘seu’ velho pecador”, disse o caçador, “não é que finalmente te encontrei? Estou te procurando há muito tempo, Senhor Lobo.”

Ele já ia erguendo a espingarda quando deu pela falta da velha e imaginando que o lobo a poderia ter engolido, lembrou-se de que ainda era possível salvá-la. Resolveu então não atirar e, pegando uma tesoura, abriu o estômago do lobo adormecido.

Qual não foi a sua surpresa quando ele viu o rosto sorridente de Chapeuzinho Vermelho espiar para fora ao primeiro corte, e quando o abriu mais, ela saltou para fora exclamando:

“Puxa, fiquei tão assustada. Estava terrivelmente escuro no estômago do lobo!”

Depois eles ajudaram a velha avozinha, que estava viva e intata, a sair, mas ela mal conseguia respirar. Quando o lobo acordou, era tarde demais para salvar a própria vida. Ele caiu de novo na cama e morreu, e o caçador arrancou a sua pele. Depois disto, todos se sentaram, muito contentes, beberam o vinho e comeram o bolo que Chapeuzinho Vermelho havia trazido, e depois o caçador levou a menininha sã e salva para casa.

“Puxa”, pensou ela, “nunca mais sairei de meu caminho para andar pelo mato quando minha mãe me proibir.”

Conta-se que certa vez depois disso, quando Chapeuzinho Vermelho estava mais uma vez a caminho da casa de sua avó com alguns petiscos que sua mãe havia preparado, outro lobo conversou com ela e tentou convencê-la a afastar-se do seu caminho.

Mas Chapeuzinho Vermelho estava prevenida, e seguiu em frente, sem parar, até a casa da avó.

“Puxa, vovó”, disse ela, “encontrei um lobo que me desejou ‘bom dia’, mas ele me olhou com olhos tão malvados que se eu não estivesse na estrada estou certa de que me teria devorado.”

“É possível que ele venha até aqui”, disse a avó. “Vamos trancar a porta e

deixá-lo do lado de fora.”

E de fato, logo depois o lobo chegou à porta e bateu, gritando: “Abra a porta, vovó. Sou o Chapeuzinho Vermelho trazendo bolo e vinho para a senhora”. Mas as duas ficaram em silêncio e a porta não foi aberta.

O velho e astuto patife ficou rondando então a casa até que saltou para cima do telhado para esperar que Chapeuzinho Vermelho saísse para voltar para casa, ao anoitecer. Aí ele poderia agarrá-la no escuro e devorá-la.

Mas a avó adivinhou o que ia pela sua cabeça. Ora, havia, perto da casa, um grande cocho de pedra, e ela disse para a menina:

“Chapeuzinho, cozinhei uma grande lingüiça ontem. Despeje a água onde ela foi cozida no cocho de pedra.”

Chapeuzinho Vermelho despejou a água da panela de cobre no cocho até ele ficar bem cheio e o cheiro da lingüiça chegar até o focinho do lobo. Ele cheirou, cheirou, e olhou para baixo, esticando de tal forma o pescoço que perdeu o equilíbrio e caiu do telhado dentro do grande cocho cheio de água, e se afogou. Chapeuzinho Vermelho voltou salva e contente para casa, naquela noite, e ninguém tentou magoá-la no caminho.

(GRIMM, p. 267-270)

Nesta versão dos Grimm a história de Chapeuzinho Vermelho tem um final feliz, mas na versão de Perrault o conto termina com a heroína vítima de um castigo sem perdão *“É pra te comer –e dizendo essas palavras o lobo mau se jogou sobre a menina e a comeu”*, (Perrault, 2004, p. 256). Acredita-se, já que a coletânea foi publicada em 1812, em plena explosão do romantismo, que o final feliz seja influência dos ideais românticos. Não há dúvida, porém, que os contos dos Grimm fossem fiéis ao folclore alemão, mas o que deve ter acontecido é que os próprios autores acresceram o final feliz para amenizar a violência. Este final feliz do folclore alemão pode estar ligado a outra história, a do lobo e os sete cabritinhos, em que a cabra-mãe corta a barriga do lobo e coloca pedras no seu lugar.

Chapeuzinho Vermelho é um Conto de Fada que apresenta variantes do tema do conflito macho-fêmea do mito “Édipo-Rei”, que segundo Darton cita em seu livro *“Essa embaraçada mistura de símbolos proporciona a Chapeuzinho Vermelho*

uma oportunidade de ir para cama com seu pai, o lobo, dando vazão, assim, às suas fantasias edípicas. Ela sobrevive, no fim, porque renasce num nível mais elevado de existência, quando seu pai reaparece como ego-superego-caçador e corta a barriga do seu pai como lobo-id, para tirá-la de lá, e todos vivem felizes para sempre." (DARNTON, 1986, p. 26). O id, é o grande vilão deste conto, é o princípio do prazer que faz a menina sair do caminho, representado pela figura do lobo. O caçador representa o superego que aparece para salvar Chapeuzinho e trazê-la de volta para a realidade.

O personagem caçador, também representa a figura do herói, que é aquele que vai reparar o dano ou a carência da protagonista e sendo um personagem masculino, marca o papel social do homem, o de proteger e defender as mulheres.

O vermelho do capuz que dá o nome à história, surge como símbolo da cor do sangue, da menstruação, cor da alma, da libido e do coração. Lembra, também, o fogo que é um dos símbolos e uma das metáforas mais usadas em nossa cultura para referir-se ao sexo. A partir disto, tem-se a visão da relação simbólica entre o Lobo e Chapeuzinho. Ao ser observada a estreita ligação entre "lobo" e Chronos (Anexo II), pode-se entender que talvez este Lobo do conto seja o tempo devorador a destruir a fase menina de Chapeuzinho, já que nela se desperta a sua nova condição marcada pela menstruação e o desabrochar da libido; a juventude e os desejos amorosos passam a envolvê-la nesta transformação. Para Fromm, *"O 'chapeuzinho vermelho de veludo' é um símbolo de menstruação. A menina de cujas aventuras nos falamos tornou-se adulta e vê-se agora defrontada com o problema do sexo."* (FROMM, 1962, p. 172)

A advertência da mãe *"...vá direito pelo seu caminho, comporte-se bem e com discrição; e não corra para não cair e quebrar a garrafa"* é um alerta contra o perigo do sexo e a perda da virgindade. A mãe de Chapeuzinho ao adverti-la representa também o superego, já que contém em sua fala o que é moralmente proibido, a perda da virgindade antes do casamento. Esta passagem da proibição da mãe está implícita também um valor da burguesia, a necessidade da obediência, da não transgressão às ordens recebidas.

O ato sexual aparece como canibalista em que o macho, sob a forma do lobo, devora a fêmea, o sedutor animalesco e perverso, que usa a boca, tanto

para seduzir como para comer. A sexualidade do lobo aparece não só como animalesca e destrutiva, mas também infantilizada ou oral, visto que pretende digerir a menina, o que poderia sugerir uma comparação com a gíria sexual brasileira no uso do verbo comer. O “lobo”(já mencionado acima), a partir desta interpretação, pode ser comparado a Chronos, Deus grego que devorava seus filhos. Cronos, assim, passa a ser confundido com Chronos – o tempo – mas um tempo que devora a juventude de homens e objetos. Fromm, em *“A linguagem Esquecida”*, ressalta a imagem devoradora do ato sexual tal qual Cronos devorava seus filhos e o tempo à vida, a relação sexual é encarada como o devorar da fêmea pelo macho. E é desta característica devoradora que se poderá compreender o significado simbólico do embate entre Chapeuzinho Vermelho e o Lobo.

Este conto não tem príncipe nem princesa e não termina com a felicidade eterna do casamento cristão, não há também um auxiliar mágico.

CONCLUSÃO

Ao fim desta viagem ao Mundo do Era uma Vez... em busca dos múltiplos sentidos contidos nos Contos de Fada, passamos por suas origens, ainda que imprecisas, até chegar a riqueza de sentidos e símbolos, que surgiram do estudo de Freud e Jung e desenvolvidas por seus seguidores.

Vimos que até bem pouco tempo, em nosso século, a Literatura Infantil era considerada como um gênero secundário e que desde sua origem até o que conhecemos hoje como Contos de Fada, houve uma grande transformação, por exemplo, no conteúdo, que foram adequados, a princípio, para o gosto da corte. Perrault, Grimm, Andersen são os autores que hoje são lembrados pela (re)criação dos Contos Maravilhosos.

Divididos entre o bem e o mal, representados por príncipes, fadas e também por monstros, lobos e bruxas apavorantes, adentramos magicamente a penumbra misteriosa do nosso inconsciente. A psicanálise nos permite enxergar nessas narrativas o que está escondido. Seguindo a trilha de Freud e Jung, conseguimos adentrar este universo aparentemente inocente, e perceber os mistérios que os envolvem. E é esta a principal contribuição deste trabalho, a de mostrar que os Contos de Fadas não são apenas magia, varinhas de condão, princesas, príncipes, fadas, bruxas, mas que eles contêm símbolos e significados.

É evidente que os ouvintes e leitores dos Contos de Fada se envolvem emocionalmente com os elementos da narrativa, como dizem os junguianos e freudianos. Se assim não fosse, os contos não teriam atravessado os séculos. E os arquétipos do inconsciente coletivo, tanto quanto as experiências individuais, são os responsáveis por esse profundo envolvimento emocional. Nos contos de fada estão realmente representados, pela forma simbólica, todos os elementos fundamentais da experiência humana.

Mas é evidente também, que quanto maior o encantamento provocado pela obra de arte, mais fácil é a transmissão da ideologia que lhe deu origem. Por isso não podem ser ignorados os valores contidos nos Contos de Fada, que sempre têm servido aos interesses de uma classe.

A fantasia, irracional a ponto de permitir que a vovó engolida pelo lobo mau

permaneça viva em sua barriga até ser salva pelo caçador ou que a Bela Adormecida durma enfeitiçada um sono de cem anos, provoca uma reviravolta em nosso mundo psíquico. Este trabalho propõe, primeiramente uma visita ao Mundo do Era Uma Vez..., passando pelas origens da literatura fantástica até chegar a interpretação de dois contos conhecidos. Esta pesquisa, baseou-se principalmente na psicanálise para analisar os Contos, considerando os diversos símbolos e significados que eles contém. Considero, porém a vertente freudiana mais adequada para a realização dessa análise,

Embora este texto traga pontos relevantes para a compreensão do tema e a resposta para algumas questões entre os Contos de Fada e a psicanálise, acrescento que esta não é a única forma de análise. É fato, que a Psicanálise trouxe novas formas de ver o homem, a cultura e o mundo, mas não é a única. Outros significados podem ser aprofundados, este é um tema que não encontra na Psicanálise sua única explicação, ela é uma possibilidade, assim como é a Sociologia, a História, a Antropologia.

E finalmente gostaria de salientar que esta é uma pesquisa preliminar, que necessita, ainda de um aprofundamento ou de uma continuação.

E como terminar algo que não tem fim? Acho que a resposta mais adequada é *"E viveram felizes para sempre..."*

BIBLIOGRAFIA

BADINTER, Elisabeth. *Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno*. Trad. Walternsir Dutra. – Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985.

BELLEMIN-NOËL, Jean. *Psicanálise e Literatura*. São Paulo: Cultrix.

BRAZIL, Horus Vital. *Dois Ensaíos entre Psicanálise & Literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CABRAL, Juçara Teresinha. *A Sexualidade no Mundo Ocidental*. Campinas, SP: Papirus, 1995.

CARVALHO, Barbara Vasconcelos de. *Literatura Infantil: Estudos*. São Paulo: Lotus.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão Sexual: essa nossa (des) conhecida*. São Paulo: Braziliense, 1984.

COELHO, Nelly Novaes. *A Narrativa Primordial. Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil: das Origens Indo-européias ao Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *O Conto de Fadas*. São Paulo: Ática, 1998.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura Infantil: Teoria e Prática*. São Paulo: Ática, 1987.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. Trad. de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FIORI, Wagner Rocha. *Modelo Psicanalítico*. IN: *Psicologia do Desenvolvimento* – Vol. 1. Coord. Clara Regina Rappaport. São Paulo: EPU, 1981.

FROMM, Erich. *A linguagem esquecida*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1962.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

GRIMM, Irmãos. *Contos de Fadas*. Tradução de Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2001.

JUNG, Carl Gustav. *Estudos sobre Psicologia Analítica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.

MENDES, Mariza B. T. *Em Busca dos Contos Perdidos: O significado das funções femininas nos contos de Perrault*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MENESES, Adélia Bezerra de. *Do poder da Palavra: Ensaio de Literatura e Psicanálise*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

NASCIMENTO, Maria Evelyn Pompeo do. *Do adulto em miniatura à criança como sujeito de direitos: a construção de políticas de educação para a criança de tenra idade na França*. Campinas, SP: [s.n]., 2001.

PERRAULT, Charle. *Histórias ou contos de outrora*. São Paulo: Landy Editora, 2004.

PHILIPPE, Ariès. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman – Rio de Janeiro: LCT, 1981.

RAMOS, Maria Luiza. *Interfaces: Literatura Mito Inconsciente Cognição*. Belo Horizonte: ED. UFMG, 2000.

SILVEIRA, Nise da. *Jung: vida e obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

STEVENS, Anthony. *Jung: sua vida e pensamento, uma introdução*. Trad. Atílio Brunetta. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na Escola*. São Paulo: Global, 1998.

_____. *Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação*/Regina Zilberman, Lígia Cademartori Magalhães. São Paulo: Ática, 1982.

ANEXOS

Anexo I

O Mito Eros e Psiqué

Ocorreu que a deusa da beleza irritou-se porque os homens começaram a adorar uma simples mortal em detrimento de seu culto. A jovem, de extraordinária beleza se chamava Psique, a quem por vingança e despeito, Afrodite enviou seu filho Eros, o jovem alado que espalhava alegria e terror entre homens e deuses, dando-lhe a tarefa de fazer Psique se apaixonar pelo mais vil dos homens.

Psique, para espanto da lógica, não tinha pretendentes. Enquanto suas duas irmãs, que nem de longe aproximavam-se de sua beleza, já se estavam casando.

Eros, pronto para cumprir o pedido de sua mãe, aproximou-se de Psique. Contudo, diante de tanta beleza, ele próprio ficou atordoado. Espetando-se em suas próprias flechas, intoxicou-se de amor, apaixonando-se perdidamente por Psique.

O rei, preocupado com o destino de sua filha, consultou os oráculos. Foi informado de que sua filha devia ser preparada para as núpcias da morte: teria que ser levada ao alto de um penhasco e ali deixada, pois um terrível monstro viria desposá-la. Ninguém sabia, mas o monstro chamava-se Eros.

Psique foi levada pelos ventos para a base do penhasco. Lá encontrou um palácio ricamente construído onde todos os seus desejos eram atendidos por vozes. À noite, Eros visitava sua esposa oculto pela escuridão e pelo anonimato. Amavam-se e Eros prometia a Psique que este paraíso duraria, contanto que ela jamais tentasse conhecê-lo.

Um dia, instigada pela inveja de suas irmãs, Psique preparou-se para descumprir o pedido. Percebendo que Psique desconhecia o marido, retrataram-no como uma serpente que iria devorá-la quando chegasse o momento propício. Armada de uma faca e de uma lamparina à óleo, Psique aguardou o amante. A noite mais uma vez o trouxe. Amaram-se como de costume. Após Eros ter adormecido, Psique começou a agir. Pegou o punhal para cortar a cabeça do monstro, como as irmãs haviam ensinado e acendeu a lamparina para melhor iluminar o caminho de seu gesto. Para seu espanto, ali deitado não estava um monstro, mas o próprio deus do amor, lindo e jovem. Psique encantada tentou beijá-lo. Com a inclinação do corpo, deixou cair uma gota de óleo sobre o ombro do amado. Eros acordou descobrindo-se traído. Pegou sua aljava e partiu voando, terminando sua relação com Psique.

Desesperada, vendo que era impossível alcançar o amante alado, tentou se matar jogando-se num rio. Mas o deus Pã impediu-a. Deu-lhe um conselho: feridas de amor só se curam com amor. Psique decidiu, então, procurar Vênus para tentar recuperar Amor.

Por ordem da própria deusa, Psique foi torturada: beliscões, puxões de cabelo, espancamentos. Mas Vênus aceitou entregar-lhe seu filho, que neste momento se encontrava preso, contanto que conseguisse realizar quatro tarefas. Separar, no prazo de um dia, um monte de sementes de acordo com tamanho e espécie. A segunda tarefa era pegar alguns punhados de lã dourada dos violentos carneiros do deus Sol. A terceira, encher um frasco com a água de uma fonte que brotava no alto de um rochedo guardada por dois dragões. Por último, ir ao mundo dos mortos e pegar com Perséfone, a rainha do reino, uma caixa contendo a beleza da morte. Psique, ajudada por várias figuras, foi bem sucedida em suas três primeiras tarefas. Na quarta, tudo corria bem até que, de posse da caixinha com tão valioso conteúdo, a própria Psique pensou em ficar com esta beleza, ao invés de entregá-la a Vênus. Abrindo a caixa uma nuvem fez tombar Psique com um sono mortal.

Paralelamente à realização destas tarefas, Eros curou-se de sua ferida. Já fortalecido, conseguiu escapar de seu confinamento. Voando, encontrou Psique caída ao solo, derrotada pelo sono letárgico. Pegou uma de suas flechas e espetou Psique, que foi, dessa maneira, despertada pelo amor. Eros a conduziu ao Olimpo, pedindo que Júpiter intercedesse a seu favor. Com sua ajuda, pôde então, oficializar seu casamento com Psique. Mais tarde tiveram uma filha que recebeu o nome de Volúpia.

Anexo II

Mito de Chronos

Chronos é o filho mais jovem de Uranus e Géia. Conta o mito que seu pai, tão logo nasciam os filhos, devolvia-os ao seio materno, temendo ser destronado por um deles. Géia decidiu libertá-los e pediu então aos filhos que a vingassem e a afastassem do esposo. Todos (Titãs, Cíclopes e Hecatonquiros) se recusaram, exceto o caçula - Chronos - que odiava o pai. Géia entregou-lhe uma foice e quando Uranus, "ávido de amor", deitou-se à noite sobre a esposa, Chronos cortou-lhe os testículos.

Senhor do Mundo, Chronos casou-se com a deusa Réia e converteu-se em um déspota pior do que o pai. Um oráculo o informou de que seria destronado por um dos filhos. Passou a engolir-los, à medida em que iam nascendo: Deméter, Hera, Hades e Poseidon. Escapou somente Zeus. Grávida deste último, Réia fugiu para a ilha de Creta e lá, secretamente, deu à luz ao caçula. Envolvendo em panos de linho uma pêra, deu-a ao marido, como se fosse a criança. O deus a engoliu de imediato.

Uma vez crescido, Zeus fez com que Chronos ingerisse uma poção mágica, que o forçou a devolver todos os filhos anteriormente devorados. Comandados por Zeus, os deuses olímpicos iniciaram uma luta de 10 anos contra os Titãs e Chronos. Por fim, venceu o caçula de Réia. Os Titãs, expulsos do céu, foram lançados ao Tártaro.

Zeus, tão logo consolidou o poder, libertou o pai Chronos daquela prisão subterrânea, recompôs-se com ele e o enviou para a Ilha dos Bem-aventurados. Esta reconciliação do Senhor do Olimpo com o pai, o primeiro a reinar no céu e na terra, gerou o mito da Idade de Ouro.

A Idade de Ouro foi um período em que a Terra tudo produzia abundantemente, sem trabalho e sem fadiga. Reinava a paz, a liberdade, a igualdade e a concórdia. Para comemorar esse antigo estado paradisíaco e obter as boas graças e a proteção do deus sobre a vegetação e as sementes lançadas no seio da terra, celebravam-se anualmente as Saturnálias, festas em honra de Saturno (versão romana para o deus Chronos).

No hemisfério Sul, não é tempo de celebração da colheita. Entretanto, comemoramos não só aos sábados à noite nossas realizações da semana assim como, no final do período (início de fevereiro), temos o Carnaval.

A criança de Capricórnio, em geral, nasce em uma família na qual o pai é figura muito respeitada, mas que não se envolve totalmente com a estrutura familiar. Todas as decisões importantes estão nas mãos da mãe. Aos olhos da criança, ela é a todo-poderosa. Transmite ao filho a vontade de poder, a capacidade de liderança (entregando-lhe ou mostrando-lhe a ferramenta de conhecimento que poderá algum dia utilizar) e o incita a desenvolver fortes práticas de controle.

Transmite as condições materiais necessárias para que, um dia, o filho concretize na Terra os desejos de seu pai. Entretanto, só depois de ter passado pelo seu ritual de iniciação (descido ao Tártaro), é que tem condições de uma realização concreta, razão porque, para os capricornianos, há a exigência de prazos mais longos para o seu amadurecimento pessoal.

Anexo III

Contes de Ma Mère l'Orye



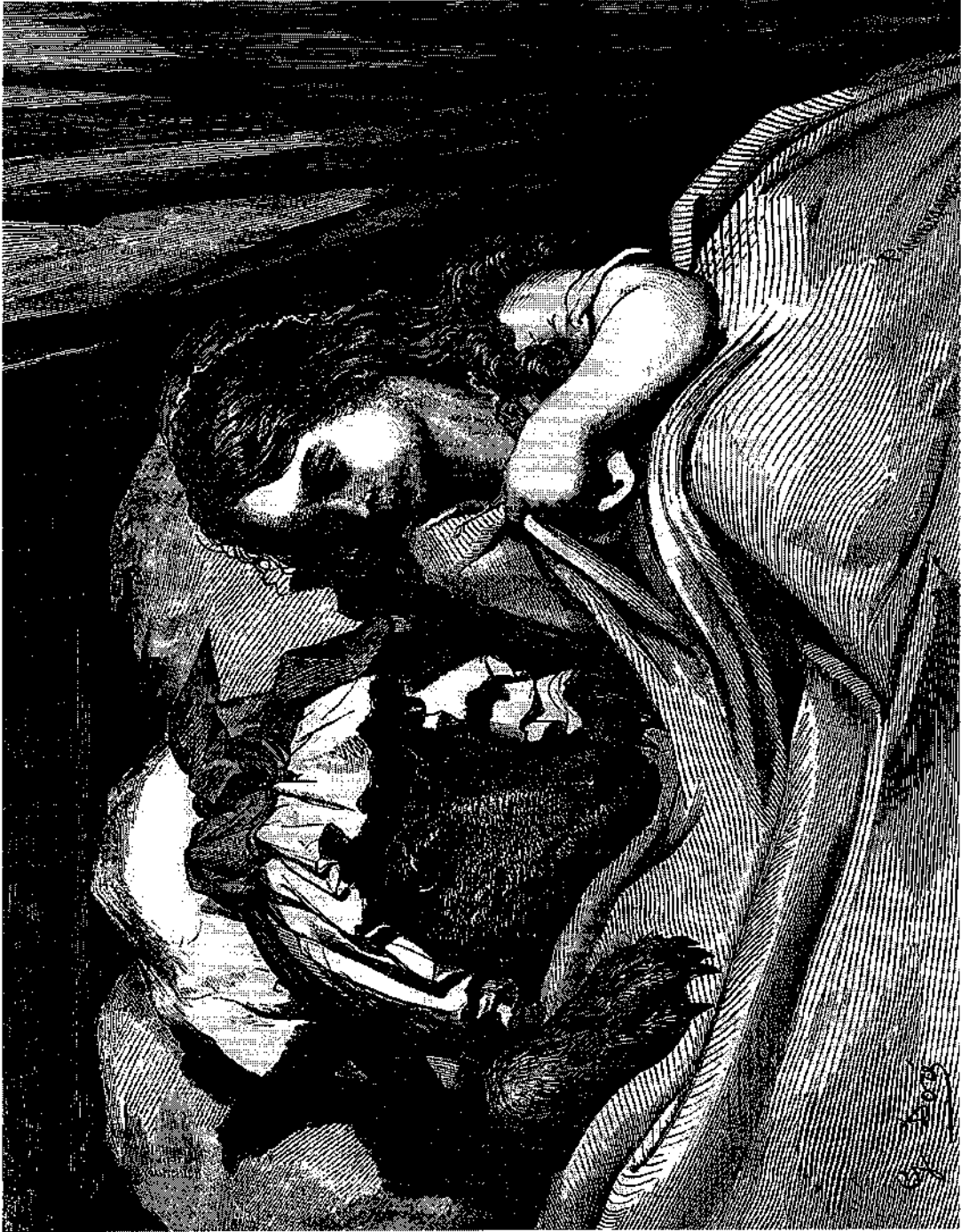
Gustave Doré

Anexo IV

Chapeuzinho Vermelho



Gustave Doré



Gustave Doré



Gustave Doré

Anexo V

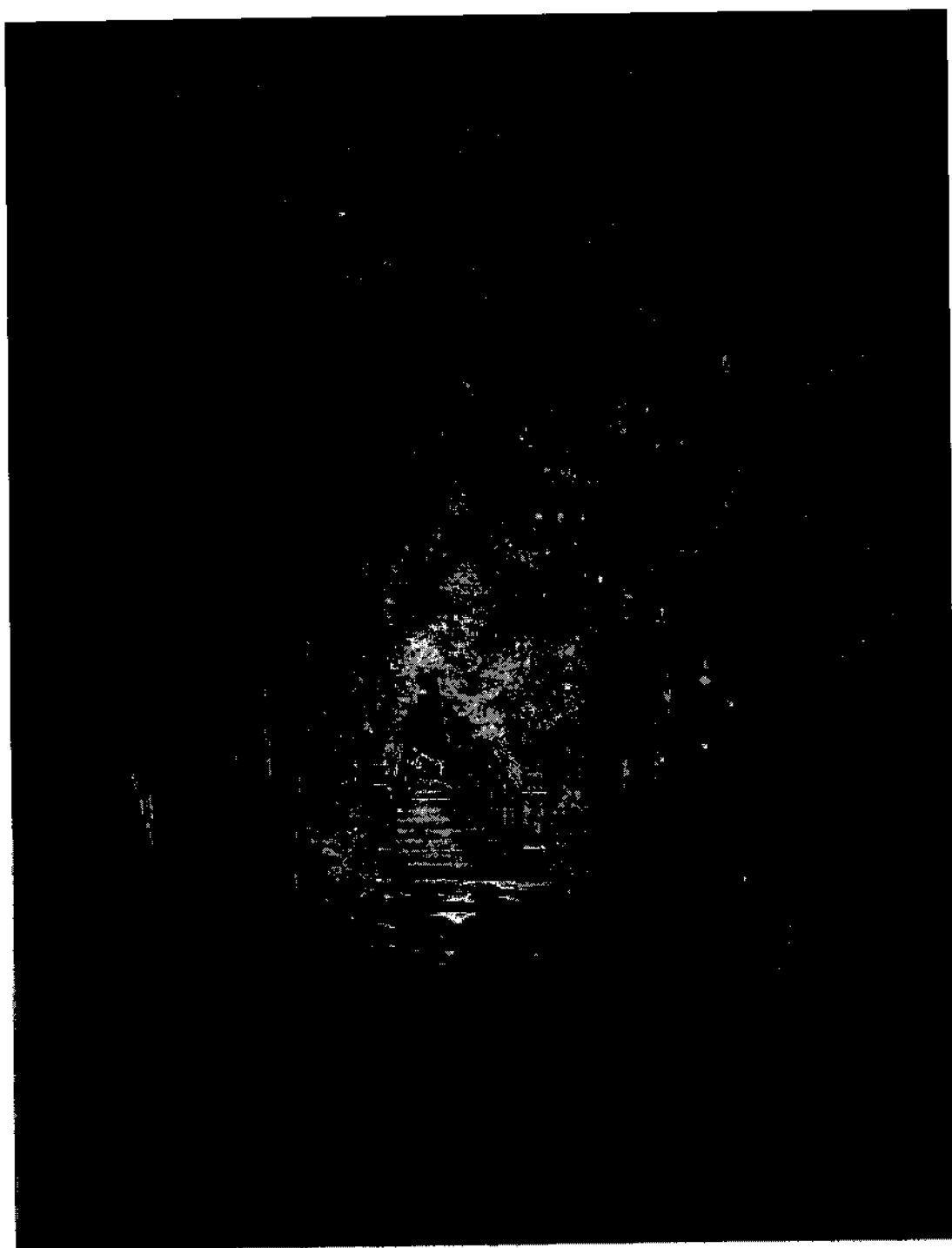
A Bela Adormecida



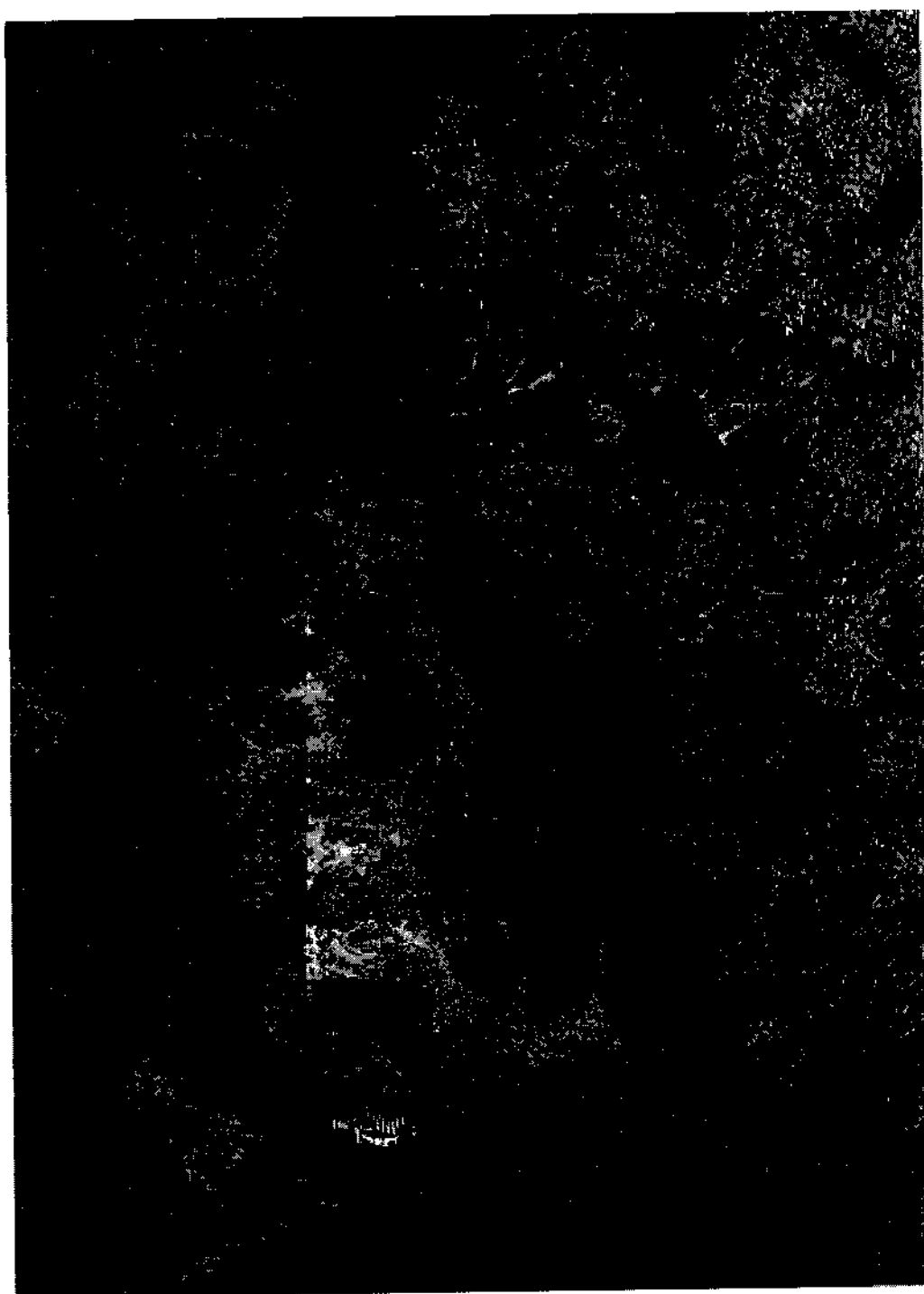
Gustave Doré



Gustave Doré



Gustave Doré



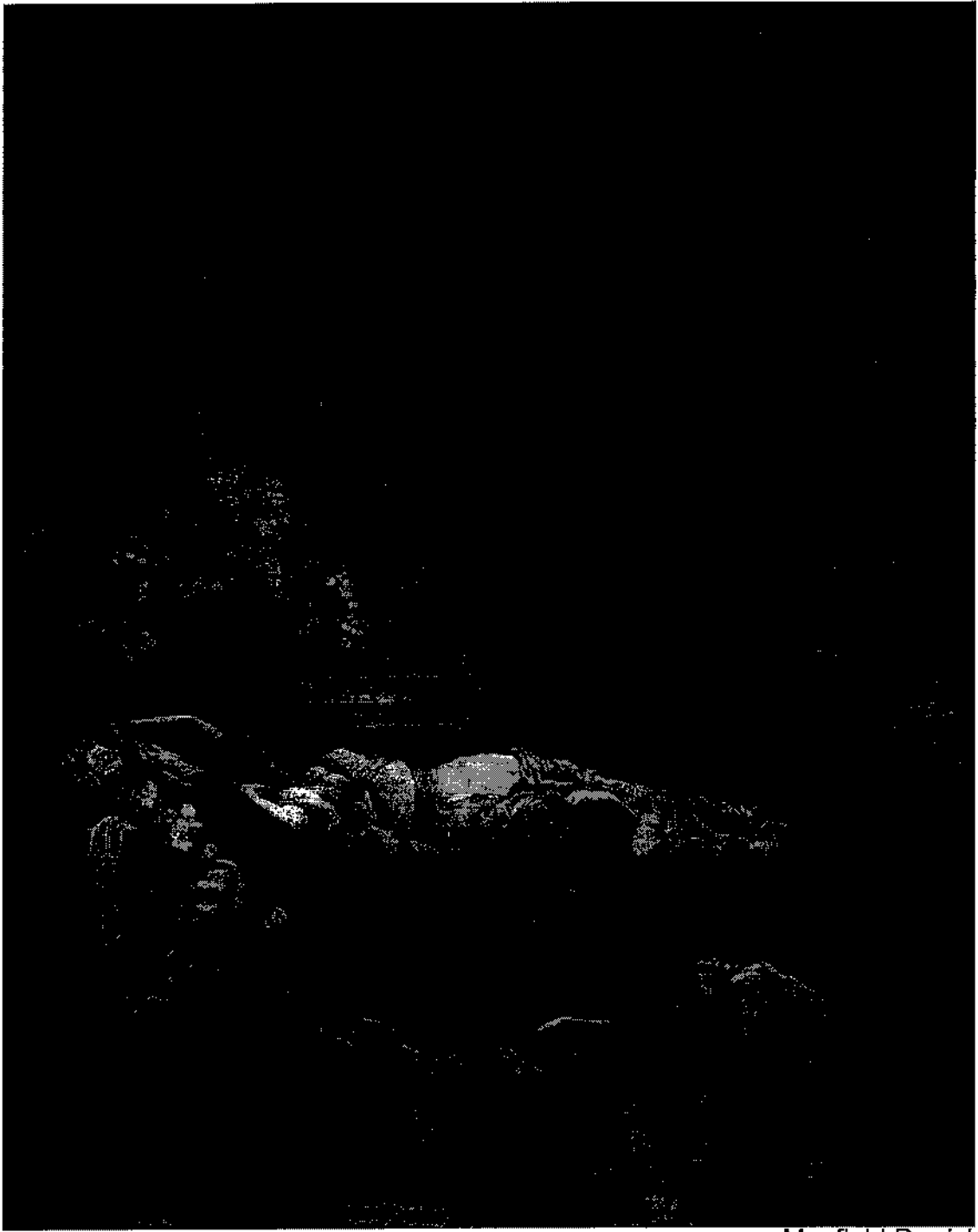
Gustave Doré



Gustave Doré



Gustave Doré



Maxfield Parrish